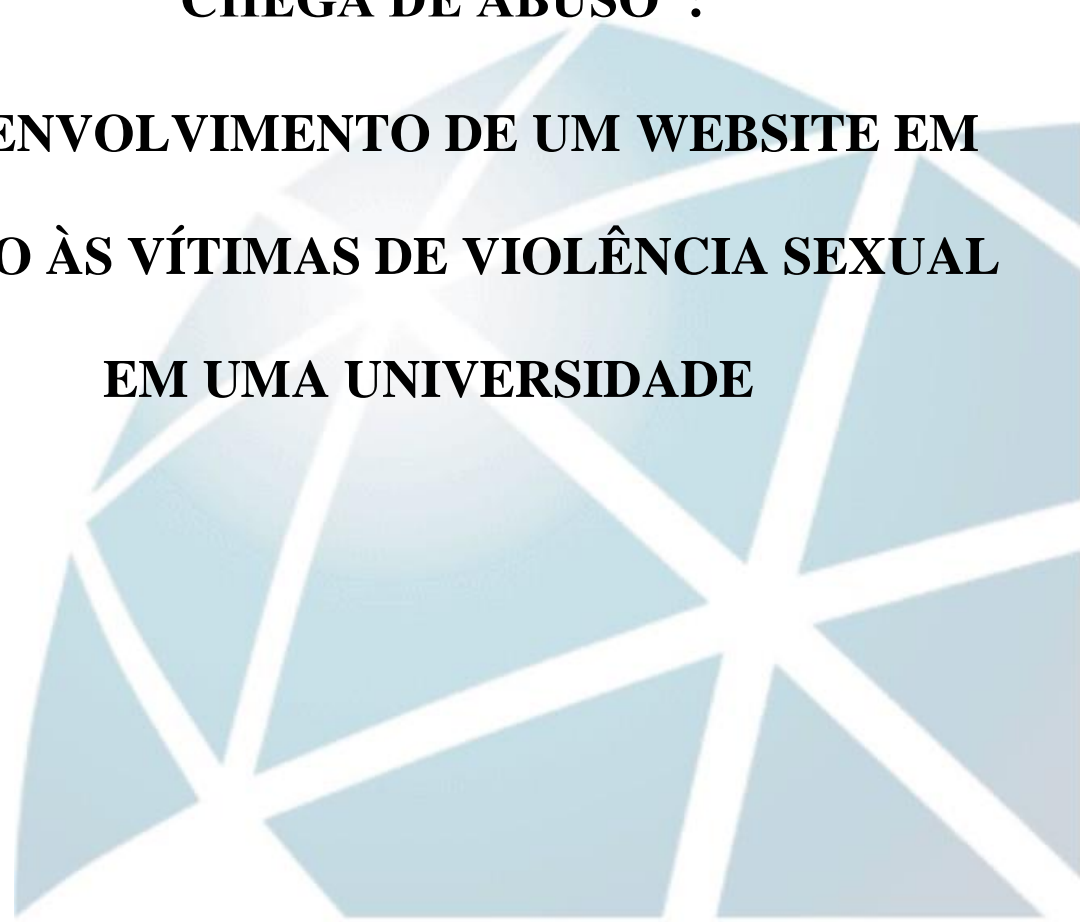


ANA PAULA RIBEIRO

**“CHEGA DE ABUSO”:
DESENVOLVIMENTO DE UM WEBSITE EM
APOIO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL
EM UMA UNIVERSIDADE**



Araraquara

2020

ANA PAULA RIBEIRO

**“CHEGA DE ABUSO”: DESENVOLVIMENTO DE UM WEBISTE EM
APOIO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM UMA
UNIVERSIDADE.**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Formação de professores em sexualidade, gênero, diversidade e direitos humanos.

Orientador: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Araraquara

2020

R484" Ribeiro, Ana Paula
"Chega de abuso": desenvolvimento de um website em apoio às vítimas de violência sexual em uma universidade / Ana Paula Ribeiro. -- Araraquara, 2020
78 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Célia Regina Rossi

1. Violência Sexual. 2. Abuso Sexual. 3. Mulheres. 4. Website. 5. Universidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA PAULA RIBEIRO

**“CHEGA DE ABUSO”: DESENVOLVIMENTO DE UM WEBISTE EM
APOIO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM UMA
UNIVERSIDADE.**

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Formação de professores em sexualidade, gênero, diversidade e direitos humanos.

Orientador: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Data da defesa: 11/12/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Célia Regina Rossi

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Instituto de Biociências de Rio Claro,
Departamento de Educação – Campus Rio Claro – SP. – Brasil

Membro Titular: Eugenio Maria de França Ramos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Instituto de Biociências de Rio Claro,
Departamento de Educação – Campus Rio Claro - SP. – Brasil

Membro Titular: Isabel Chagas

Instituto de Educação - Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara – SP – Brasil

À minha filha Maria Júlia e ao meu marido Willian Marcelo, incentivadores da minha vida.

Às mulheres que lutam diariamente contra o machismo e a violência sexual em nosso país.

AGRADECIMENTO

À minha orientadora e amiga, Profa. Dra. Célia Regina Rossi, pela orientação, auxílio, e atenção para com a minha pesquisa desde a graduação. Obrigada pela confiança e apoio.

Aos professores de Pós-Graduação em Educação Sexual pelas aulas inspiradoras que mediaram e contribuíram para o desenvolvimento e finalização dessa pesquisa.

À minha banca de qualificação pelas considerações e sugestões, colaborando para a conclusão desse estudo.

Ao meu marido Willian Marcelo, pelo incentivo nos dias nem tão fáceis, pelas palavras e gestos de apoio, pela parceria para que eu pudesse finalizar essa dissertação.

Aos meus pais, Maurina e Ariovaldo, por acreditarem em meu potencial e capacidade para chegar até aqui.

Aos amigos feitos no Mestrado, pelo incentivo mútuo e troca de experiências.

A todos os meus amigos e familiares que de alguma forma contribuíram com a finalização dessa pesquisa.

A todos, o meu singelo agradecimento.

*“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela
forem muito diferentes das minhas.”*

Audre Lorde (2007, p. 132-133)

RESUMO

Esse estudo surgiu das inquietações da pesquisadora de uma Universidade Pública, diante das violências e abusos sexuais sofridos contra mulheres, alunas, professoras e funcionárias, dentro de ambientes universitários – interno e externo. Procurando compreender a violência sexual nas universidades a partir de uma perspectiva cultural, social e histórica, além de ajudar virtualmente as vítimas, a pesquisa desenvolveu um website, denominado “*Chega de abuso*” para que mulheres universitárias pudessem ter acesso a conteúdos sobre violência e abuso sexual, além de contato para ajuda, acolhimento, orientação e denúncias. O website também oferecerá futuramente um questionário online já hospedado, mas não ativo, para que mulheres, estudantes, professoras, funcionárias e outras que frequentem a universidade relatem suas histórias de vida, no que tange a violência sexual sofrida ou presenciada. A partir do método qualitativo com uma abordagem descritiva, essa dissertação descreveu os aspectos, características e ferramentas utilizadas para o desenvolvimento e conclusão do website, além de sua validação por uma das pesquisadoras. Após a conclusão do desenvolvimento do website e sua validação, conclui-se que a plataforma tem um funcionamento simples, de âmbito educacional para as futuras usuárias, permitindo, mesmo que virtualmente, uma vivência mais ampla com casos e vítimas de violência e abusos sexuais de mulheres. A pesquisa possibilitou uma melhor compreensão das causas da violência sexual universitária e a prevalência desses abusos após a hospedagem do website nas universidades do país e aplicação do questionário, além de incentivar a criação de políticas públicas na universidade que visem melhorar a qualidade de vida de inúmeras mulheres, ajudando e amparando essas e outras jovens.

Palavra-chave: Violência Sexual; Abuso Sexual; Mulheres; Website; Universidade.

RESUMEN

Este estudio surgió a partir de las inquietudes de la investigadora de una Universidad Pública, ante la violencia y el abuso sexual que sufren las mujeres, estudiantes, docentes y empleados, dentro del ámbitos universitarios - interno y externo. Buscando comprender la violencia sexual en las universidades desde una perspectiva cultural, social e histórica, además de ayudar a las víctimas de manera virtual, la investigación desarrolló un sitio web, llamado "*Chega de abuso*" para que las mujeres pudieran acceder a contenidos sobre violencia y abuso sexual, mas haya del contacto para ayuda, acogimiento, orientación y denuncias. El sitio web también ofrecerá un cuestionario en el futuro en línea ya alojado pero no activo para mujeres, estudiantes, docentes, empleados y otros que asisten a la universidad para relatar sus historias de vida, con respecto a la violencia sexual sufrida o presenciada. Desde el método cualitativo con enfoque descriptivo, esta disertación describió los aspectos, características y herramientas utilizadas para el desarrollo y conclusión del sitio web, además de su validación por una de los investigadores. Luego de completar el desarrollo del sitio web y validarlo, se concluye que la plataforma tiene un funcionamiento sencillo, de alcance educativo para los futuros usuarios, permitiendo, aunque sea de forma virtual, una experiencia más amplia con casos y víctimas de violencia y abuso sexual de mujeres. La investigación permitió una mejor comprensión de las causas de la violencia sexual universitaria y la prevalencia de estos abusos luego de alojar el sitio web en las universidades del país y aplicar el cuestionario, además de incentivar la creación de políticas públicas en la universidad que tienen como objetivo mejorar la calidad de vida de innumerables mujeres, ayudando y apoyando a estas y otras mujeres jóvenes.

Palabras-claves: Violencia sexual; Abuso sexual; Mujer; Sitio web; Universidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 1 – Definição	34
Figura 2	Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 2 – Arquitetura	36
Figura 3	Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Identidade	38
Figura 4	Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Interface e Design, Usabilidade	38
Figura 5	Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Estrutura e Informação	39
Figura 6	Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Comunicação	39
Figura 7	Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Identidade	40
Figura 8	Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 3 – Design	40
Figura 9	Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 4 – Implementação	42
Figura 10	Descrição da página 1 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Início	47
Figura 11	Descrição da página 2 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Projeto	49
Figura 12	Descrição da página 3 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Relatos (subcategoria)	52
Figura 13	Descrição da página 4 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Questionário (subcategoria)	53
Figura 14	Descrição da página 5 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Filmes e séries (subcategoria)	57

Figura 15	Descrição da página 6 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Textos e artigos (subcategoria)	58
Figura 16	Descrição da página 7 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Profissionais da área (subcategoria)	59
Figura 17	Descrição da página 8 do website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Contato e ajuda	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Telefones e endereços úteis inseridos no website “ <i>Chega de abuso</i> ” – Página 8 (Contato e ajuda)	61
-----------------	--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP	Aplicativo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
HTML	HyperText Markup Languag
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MPSP	Ministério Público do Estado de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
WWW	World Wide Web

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1 Violência de gênero no Brasil	19
2.2 Legislação e atendimento	24
2.3 Violência sexual na universidade	28
3 METODOLOGIA	32
3.1 Processo de desenvolvimento do website “ <i>Chega de abuso</i> ”	33
3.2 Processo de validação do website “ <i>Chega de abuso</i> ”	43
4 RESULTADOS	45
4.1 Construção e desenvolvimento do website “ <i>Chega de abuso</i> ”	45
4.2 Discussão após desenvolvimento do website “ <i>Chega de abuso</i> ”	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	76

APRESENTAÇÃO

A temática educação, sexualidade e relações de gênero, sobretudo ao gênero feminino, entraram em minha vida na graduação, ao final do ano de 2013, onde comecei a antepor um assunto para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro/SP. Durante as pesquisas, tive uma conversa agradável com a Professora Doutora Célia Regina Rossi, que apresentou algumas possibilidades para estudo.

No ano seguinte tivemos em nosso curso a disciplina “Educação, sexualidade, diversidade e relações de gênero na escola”, também ministrada pela Profa. Célia, aulas que me trouxeram questionamentos e possibilidades de pesquisa. Durante o conteúdo desenvolvido fiquei instigada quanto ao recorte do gênero feminino no ambiente escolar, e após outras conversas e pesquisas, decidi pesquisar o tema do meu TCC: *“O estado da arte em gênero – mulher – em educação no estado de São Paulo”* (Ribeiro, 2015).

O estudo contou com buscas por meio dos resumos de teses e dissertações, produzidos nos últimos 10 (dez) anos da conclusão da pesquisa, retirados da plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nele buscou-se compreender como essas pesquisas retrataram às relações de gênero no que tange a mulher, sua educação e sua construção de sexualidade dentro do Estado de São Paulo (Ribeiro, 2015).

Após o envolvimento e a familiaridade com discussões envolvendo sexualidade, educação e gênero, e com a oportunidade de ingressar no programa de mestrado da UNESP, Campus Araraquara, eu e a Profa. Célia, acabamos estabelecendo um eixo para essa presente pesquisa, que virou essa dissertação final, envolvendo a mulher, já antes abordado em meus estudos, mas afim de compreender a violência sexual que mulheres sofrem, principalmente no âmbito universitário.

Minha trajetória nesses anos de mestrado não aconteceu conforme o planejado. Engravidei e tive a Maria Júlia, hoje com 1 ano e 7 meses. Minha filha nasceu com uma doença congênita, teve que passar recém nascida por uma cirurgia e muitos dias internada, mudando completamente o rumo do meu estudo. Tive que suspender minha matrícula por 6 meses, para cuidar de minha filha em tempo integral.

Retornei, finalizei as disciplinas, dei andamento na escrita e finalmente qualifiquei. As considerações da banca foram primordiais para que eu pudesse alavancar na pesquisa, assim agradeço imensamente ao Professor Doutor Paulo Rennes, ao Professor Hamilton Vieira e a Professora Doutora Célia Regina Rossi.

No entanto surgiu a pandemia Covid-19 e acabei me contaminando com o vírus. Sou imunossupressora e com isso os meus sintomas foram mais fortes. Me isolei por 14 dias tomando todas as precauções, voltando a rotina e a escrita aos poucos. Porém com a quarentena, minha filha integralmente em casa precisava de cuidados, além de atenção para que não pegasse infecções, pois é colostomizada. Foram mais 3 meses afastada da universidade e da minha escrita final.

Apesar do tumulto, finalizei a dissertação. Talvez não como planejada, ou como gostaria que tivesse sido desenvolvida, mas com a certeza de que os contributos foram muitos, e os aprendizados também. No final esse estudo me trouxe a certeza de que pesquisar a violência de gênero, sobretudo a violência sexual contra mulheres, e contribuir para a sua disseminação, foi o que me carregou até aqui.

Essa dissertação é dedicada à minha filha, por toda força que teve, tem e terá, e a todas as mulheres que sofreram ou sofrem violência sexual no mundo: vocês nunca estarão sozinhas, juntas seremos mais fortes.

INTRODUÇÃO

Vários estudiosos que serão aqui citados têm-se dedicado a analisar a violência sexual como um crime de gênero ao vitimizar significativamente mais mulheres que homens no Brasil, mas também em todos os países do mundo.

Connell (1987), uma pesquisadora australiana de gênero, propôs a noção de ordem ou sistema de gênero para explicar como o gênero se assume como prática institucionalizada. Gênero é responsável por hierarquias e regimes no âmbito dos quais homens e mulheres ocupam posições distintas e não sendo condicionado por diferenças biológicas, portanto para a autora, o gênero é um processo que organiza a vida social em determinados sentidos.

Nesta perspectiva, Saffioti (1989, p. 16) defende que na sociedade ocidental, “[...] a dominação e exploração de muitos por poucos, a exploração das classes subalternas pelas dominantes não é único princípio estruturador das relações sociais”. Nela estão presentes três princípios: a dominação – subordinação das classes subalternas pelas classes dominantes; o patriarcado, que legitima a assimetria das relações de gênero, e neste caso, a subordinação das mulheres aos homens, e o racismo, que permite que o branco determine o lugar de outras etnias na estrutura social. Vamos nos ater ao patriarcado, que é estruturante nesta pesquisa, pois estabelece as relações de gênero, isto é, a subordinação das mulheres junto aos homens, mesmo que a situação venha mudando paulatinamente.

Entende-se o patriarcado como uma ordem de poder. O mesmo está baseado na supremacia dos homens e do masculino sobre a inferiorização das mulheres e do feminino. É ainda a ordem do domínio de uns homens sobre outros e de alienação entre as mulheres.

“[...] O mundo resultante é assimétrico, desigual e alienado, de caráter androcêntrico, misógino e homofóbico”. (Lagarde, 1994, p. 397).

E desta forma, violento. A violência é um ato global, nela não se restringe o gênero, a cor, a idade, a roupa e a classe social. Ela é um recurso legitimado através do qual os homens

são detentores do poder de determinar o leque de comportamentos sociais nomeados, tendo legitimação ou pelo menos tolerância social para punir o desvio (Saffioti, 1989).

Apesar de não existir regras para o agressor no que tange ao enfoque econômico, enfoque social, enfoque emocional e também cultural de sua vítima, diversas pesquisas que foram referenciadas no decorrer dessa dissertação e apontadas em artigos, jornais, revistas, no Brasil, e afirmam que a violência e o abuso no país no âmbito doméstico e sexual são sofridas predominantemente por vítimas do sexo feminino, sejam elas crianças, adolescentes, jovens e adultas. De acordo com o “Mapa da violência: homicídio de mulheres no Brasil” (Waiselfisz, 2015), no ano de 2013, 13 mulheres morreram todos os dias, vítimas do feminicídio:

O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante. (Brasil, 2013, p. 1003).

O feminicídio ainda trata a morte de mulheres responsabilizando a vítima pela ação cometida em função do seu gênero. O homicídio de mulheres, conforme citado acima, pode ser praticado por diferentes vertentes. A violência sexual é uma dessas vertentes e está sendo o objeto de estudo nessa pesquisa. Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug et al, 2002), a violência ou abuso sexual podem ser definidos como:

[...] qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou investidas sexuais indesejadas, ou atos direcionados ao tráfico sexual ou, de alguma forma, voltados contra a sexualidade de uma pessoa usando a coação, praticados por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho, mas não limitado a eles. (p. 147).

Procurando entender a violência sexual a partir de uma perspectiva cultural, social, histórica, mas principalmente educacional, o presente estudo desenvolveu um website para que mulheres universitárias, funcionárias, professoras, possam denunciar e ter acesso à conteúdos que abordem à temática da violência e abuso sexual. O website também oferecerá um questionário online hospedado virtualmente para que mulheres, estudantes, professoras, funcionárias e outras que frequentem a Universidade relatem suas histórias de vida, no que tange a violência sexual sofrida ou presenciada.

O objetivo da pesquisa foi o de criar uma ferramenta para que jovens mulheres, universitárias, professoras, funcionárias possam encontrar ajuda, orientação, agregar conhecimento, além de um espaço de amparo e assistência. O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem descritiva, dentro de uma perspectiva qualitativa, do qual foi detalhada a criação de todo o website *“Chega de abuso”* com seus referenciais, formato, design e elaboração do questionário que está dentro da plataforma, para que, em uma pesquisa futura essa ferramenta possa ser utilizada e analisada em um estudo além de qualitativo, também quantitativo.

O desenvolvimento e utilização do website *“Chega de abuso”* foi construído considerando que os dados das vítimas ficarão em sigilo, protegidos, visto que muitas mulheres poderão ficar receosas quanto a descrição dos relatos presencialmente, tratando-se de um assunto frágil, complexo e polêmico.

Essa dissertação foi estruturada em 6 capítulos, sendo o primeiro a introdução que aqui estamos apresentando o estudo de forma mais ampla. O segundo capítulo refere-se à revisão de literatura, trazendo referências que possam situar o leitor do estudo que aqui se apresenta, sobre a problemática abordada, resgatando detalhes da violência de gênero no país em todas as esferas, e afunilando os referenciais apontando o significado da violência sexual dentro e fora do ambiente universitário, além de citar as legislações que amparam as vítimas e recursos de ajuda para essas mulheres no Brasil atualmente.

O terceiro capítulo apresenta uma descrição da metodologia, dentro de uma perspectiva qualitativa, descrevendo a escolha da abordagem descritiva. Descreverá também o processo de desenvolvimento do website e os procedimentos para a sua validação da plataforma, considerando que a pesquisa não passou pelo Comitê de Ética e não pode ser validada por seres humanos.

O capítulo quatro contempla os resultados da pesquisa, dividido em duas partes: construção e desenvolvimento do website, além dos resultados obtidos após a conclusão do mesmo, e hipóteses futuras dando continuidade ao estudo e à aplicação do website *“Chega de abuso”*.

No quinto e último capítulo encontra-se as considerações finais trazendo pontuações sobre os principais achados deste estudo, as considerações acerca da finalização do website e as recomendações para realização de futuras pesquisas acerca da temática, que se faz na atualidade importante em várias instituições de ensino superior.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Violência de gênero no Brasil

Sabe-se que a violência contra mulher é um problema de proporção mundial. Mulheres são vítimas dos mais variados tipos de violência simplesmente por pertencerem ao sexo feminino. Mesmo com os avanços da sociedade em vários campos, como é o caso da tecnologia, ciência, pesquisas e legislações que contribuem para a diminuição das violências de gênero, ainda é ressaltado o poder e a suposição de superioridade que grande parte de homens creem em relação à mulher, ocasionando muitas vezes algum tipo de violência.

Segundo a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher "Convenção de Belém do Pará" (1994)¹, a violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta baseada no gênero que possa causar morte, sofrimento físico, psicológico e sexual, tanto no ambiente público ou privado. Essas violências acabam preocupando e costumam aumentar de acordo a cultura e vivência dessas mulheres, ora na família, ora no trabalho, ora no ambiente social e ora nos relacionamentos. Porém, apesar dos agressores virem de diferentes âmbitos, muitas das vítimas acabam sofrendo algum tipo de violência justamente no lugar que deveria ser de proteção: o ambiente família. E os agressores são pessoas próximas: maridos, filhos, irmãos, tios, avôs, padrastos (Brasil, 2006).

No Brasil a violência de gênero têm índices altíssimos e por isso precisa e deve ter prioridade perante a jurisdição brasileira, os órgãos dos direitos humanos, as instituições escolares, além da saúde pública (Silva, Falbo & Cabral, 2009). Dentre essas violências, temos a violência física, psicológica, patrimonial, moral e sexual.

Segundo Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (2002), a violência sexual é

¹ <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/convencaobelem1994.pdf> acesso em 08/11/2020 – 12h00min.

caracterizadas por suas múltiplas vertentes, sendo qualquer ato sexual ou sua tentativa, comentários ou investidas indesejadas (Krug et al, 2002).

A violência ou abuso sexual podem acontecer nos mais variados lugares e ambientes, desde a casa segura onde a vítima vive, até o ambiente de trabalho e as ruas escuras da noite.

O Ministério da Saúde no Brasil em “Vigilância de Violências e Acidentes”², pesquisa realizada em 2012, declarou que o abuso sexual é o 2º tipo de violência mais comum contra crianças de 0 a 9 anos de idade, logo atrás das denúncias sobre negligência e abandono de menores (Brasil, 2012). Apesar dos dados da pesquisas apontarem para crianças do sexo masculino e feminino, sabe-se, por meio do refinamento e levantamento de outras pesquisas aqui citadas, que as mais agredidas e abusadas sexualmente são meninas e adolescentes.

Diante do crescimento dos casos de violência sexual contra mulheres, adotou-se o nome “cultura do estupro” para caracterizar os inúmeros episódios de abusos, assédios e violências sexuais praticados por homens. Segundo Chauí (1986, p. 14), o termo cultura refere-se a um certo tipo de campo simbólico e material das atividades humanas. Porém, vale ressaltar que mesmo que a definição de cultura seja algo abrangendo a sociedade em geral, não significa que todos os homens são ou possam vir a ser estupradores e agressores, e nem que os mesmos contribuam pelo ato da violência ou abuso sexual. A cultura do estupro é um modo de explicar que a cultura do machismo pertencente a nossa sociedade acaba contribuindo com esse tipo de violência: a violência sexual contra as mulheres.

O Brasil registrou em 2016, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública³, 1 caso de estupro a cada 12 minutos no país. Apesar dos números absurdos, estima-se que estes seriam apenas 10% dos casos registrados. Ainda hoje muitas mulheres sentem medo da

² http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2011_2012.pdf acesso em 08/11/2020 – 12h30min.

³ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/10o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2016/> acesso em 08/11/2020 – 12h40min.

denúncia e acabam se calando diante da violência ocorrida. Considerando os dados reais, o Brasil teve uma taxa média de quase meio milhão de estupros no ano de 2015 (Brasil, 2016).

Segundo os dados atuais do Mapa da Violência Contra a Mulher de 2018⁴ (Câmara dos Deputados, 2018), a cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente no país.

De meia em meia hora alguém sofre violência psicológica ou moral. A cada 3 horas, alguém relata um caso de cárcere privado. No mesmo dia, oito casos de violência sexual são descobertos no país, e toda semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros antigos ou atuais. O ataque é semanal para 75% das vítimas, situação que se repete por até cinco anos. Essa violência também atinge a parte mais vulnerável da família, pois a maioria dessas mulheres é mãe e os filhos acabam presenciando ou sofrendo as agressões. (p.6).

Quanto ao tipo de violência sexual cometida, devemos enfatizar de que o ato sexual da penetração não é o único tipo de violência e abuso sexual. A investida sexual não consentida, o beijo ‘roubado’, o assédio verbal. O abuso sexual têm suas diversas formas e práticas, mascarando muitas vezes o ato perante a sociedade, e pior, trazendo a até então vítima como causadora da violência.

Todos os dias casos de violências sexuais são noticiados. As razões são as mais variadas, porém, ainda no século XXI a predominância das concepções machistas, racistas e sexistas continuam trazendo a legitimação da violência e o abuso sexual contra as mulheres. Entretanto, mesmo considerado um ato odioso pela grande maioria da população brasileira, os casos de violência e abuso sexual não passam de meros dados. Como algo tão abominado socialmente é, ao mesmo tempo, tão comum?

⁴ http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Mapa-da-Violencia_pagina-cmulher.pdf acesso em 08/11/2020 - 13h00min.

Os homens do mundo patriarcal devem pautar-se de forma sexualmente livre – e até libertina – devido à posição de superioridade e independência que lhes cabe. Devem ser, portanto, rígidos, másculos e dominadores. Por sua vez, às mulheres resta a necessidade de resguardar sua moral sexual, agindo de forma efetivamente recatada. Suas vestimentas, seus diálogos e seus comportamentos devem revestir-se da cautela necessária a ensejar o respeito do seio social. Seu corpo não é considerado sua propriedade, senão verdadeiro objeto de controle da sociedade (Lima, 2012, p. 9).

Segundo o Instituto Patrícia Galvão (2016), 94% da população brasileira acredita que uma mulher ser tocada sem sua autorização e consentimento é uma forma de abuso sexual. Entretanto, 26% da população do país afirma que se a mulher mostra seu corpo com roupas curtas, a mesma está pedindo para ser estuprada (IPEA, 2014):

O estupro é justificado de diferentes formas nas diferentes culturas. Frequentemente, utiliza-se o argumento do “consentimento” as mulheres violadas, na realidade, consentiram no ataque ou pediram por ele, ao usarem roupas curtas, coladas, perfume e maquiagem chamativos. Ignora-se, com tal argumento, que mulheres de hábito de freira ou de burca também são violentadas. A ideia de que a “mulher na verdade queria” permite trivializar o estupro, relativizá-lo, em muitos casos, e até considerá-lo excitante. (Vilhena & Zamora, 2004, pp. 117-118).

A violência contra a mulher é um fato que atinge todos os países, desenvolvidos ou não, pobres ou ricos. Mas a educação em sexualidade já vem trazendo outras possibilidades de atuação tanto dos homens como das mulheres, jovens e crianças.

No Brasil, como aponta em entrevista dada a BBC Brasil no mês de fevereiro de 2019,

a diretora-executiva da ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP⁵, Samira Bueno, descreve os números alarmantes e absurdos de feminicídios em 2019.

[...] Há 536 casos por hora no Brasil e quase a mesma proporção de mulheres que dizem ter sido vítima de algum tipo de violência sexual. O número de mulheres que sofreram espancamento é assustador (1,6 milhão). Todos esses dados remetem à violência doméstica: 76,4% das mulheres conheciam o autor da violência, a maior parte aconteceu dentro de casa. [...] Mas quando olhamos para o assédio, o espaço público tampouco é seguro. O número de mulheres assediadas fisicamente no transporte público, quase 4 milhões, é enorme. Não tem um espaço onde a mulher efetivamente está segura. A mulher está sofrendo violência dentro de casa, aí ela pega o metrô para ir para o trabalho, onde também vai ser assediada. (BBC-News Brasil, 2019)⁶.

Com essa revelação, qual é o lugar onde a mulher pode ficar segura? Ele existe? Este estudo mostra que a violência sexual contra a mulher existe em todos os lugares e a população muitas vezes é conivente com ela e nada fazem quando o fato ocorre. Providências e atitudes são poucas para tentar mudar essa realidade.

A origem dessas violências são culturais e históricas, e somente com uma educação que aborde essas temáticas poderemos mudar a violência de gênero. Temos implementado políticas públicas excelentes em termos de punição a agressores, mas se elas não incorporarem uma educação de prevenção e de transformação social e cultural, não conseguiremos resolver o problema.

É importante compreender o papel da cultura do estupro na sociedade. Pensar além do agressor, abusador. Enxergar as normas ditadas culturalmente que fazem com que esse agressor

⁵ <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf> acesso em 07/11/2020 - 8h00min.

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503> acesso em 07/11/2020 – 8h00min.

tenha plena consciência do que está fazendo e fique tranquilo com tal ato, já que muitas vezes a sua justificativa consta na cultura machista velada que nos cerca.

Os julgamentos da roupa curta, de sair à noite sozinha, de ingerir bebida alcoólica, tipo de maquiagem, comportamento, modos de dançar, de falar, são estereótipos tóxicos que foram construídos, mas acabam dando legitimidade para a violência ou abuso sexual. A vítima nunca terá responsabilidade, e precisamos entender isso. A culpa nunca será da vítima.

A seguir apontaremos algumas legislações e seus atendimentos. Muitas mulheres ainda desconhecem como atuar, denunciar e no fim, proteger-se. Elas são importantes para desvelar como as mulheres podem se valer do que há no Brasil em termos de leis.

2.2 Legislação e atendimento

Entendemos que os recursos públicos destinados para um trabalho de prevenção é ainda muito pequeno, apesar da violência sexual ser um problema relevante para toda a sociedade.

A violência contra a mulher começou a ter um amparo através da Lei Maria da Penha, Lei 11.340/2006, fazendo com que este tipo de violência fosse considerada um crime, julgada pela legislação brasileira e punindo os agressores (Alves, Oliveira & Maffaccioli, 2012, pp. 141-147).

A lei fez com que grande parte das mulheres de todo o Brasil conhecessem seus direitos, as formas de denúncia e os cuidados necessários a determinado tipo de violência. Apesar de ativa, a Lei Maria da Penha (2006) muitas vezes é deturpada, visto que muitas mulheres vítimas podem ter seus relatos ignorados ou esquecidos.

A violência sexual contra as mulheres causa diferentes impactos emocionais, mentais e físicos nessas vítimas. Por isso é importante que o sistema público de saúde tenha profissionais capacitados e disponíveis para receber essas vítimas e suas histórias, antes, durante e após a

denúncia feita.

De acordo com o Código Penal Brasileiro, Lei 12.015 de 2009, o estupro é “[...] constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Art. 213). A lei, que antes era reduzida e trazia ressalvas a diversas vítimas, atualmente amplia o conceito da violência sexual, estupro, abuso ou assédio, trazendo uma maior segurança para essas vítimas na denúncia e no seu amparo contra o agressor.

Ainda há a negligência do governo no Brasil para que se tomem providências cabíveis quanto aos casos de violência e abuso sexual contra mulheres. Mas o Ministério Público do Estado de São Paulo mantém ativo um aplicativo de denúncias anônimas: “*Feminicídio: repudie e denuncie*”⁷, disponível em celulares com tecnologia Android ou IOS (Ministério de São Paulo, 2019). Para realizar a denúncia é preciso instalar o aplicativo, fazer o cadastro e clicar no ícone do Ministério Público. Segundo informações do site do órgão público, todas as informações prestadas nas denúncias são sigilosas e apenas os profissionais responsáveis terão acesso aos dados.

Além do aplicativo oficial do Ministério Público, existe ainda telefones para denúncias no Brasil:

- Disque 100 - Para meninas e adolescentes vítimas de abuso
- Disque 180 - Para mulheres vítimas de violência doméstica e abuso sexual
- Disque 156 - Para moradoras do DF, opção 6
- Disque 153 - Linha de emergência

Através da luta feminista e as políticas públicas que foram criadas para combater a violência contra as mulheres no Brasil, a autora Santos (2008) cita três momentos de suma

⁷ <https://saopaulo.sp.gov.br/feminicidionaof> acesso em 07/11/2020 – 14h00min.

importância para todas as mulheres: A implantação da primeira Delegacia da Mulher em São Paulo, no ano de 1985; o início dos Juizados Criminais Especiais e a promulgação da Lei Maria da Penha em 2006, como já citada acima. As Delegacias das Mulheres acabaram sendo um dos auge na luta e conquista feminista, já que a implementação dessas delegacias garantiriam com suas criações, o reconhecimento da violência contra mulher como um crime e colocavam a responsabilidade no Estado, para que se criassem políticas em defesa das mulheres e essas violências (Souza & Cortez, 2014, p. 623).

Além da Delegacia da Mulher, o Estado de São Paulo conta também com o “Programa Bem-Me-Quer”, voltado para vítimas de violência sexual, abuso, assédio e estupro. Segundo o site do Estado de São Paulo, o programa têm como objetivo:

[...] dar atendimento diferenciado a vítimas de estupro, atentado violento ao pudor, sedução e outros crimes relacionados a esse tipo de violência, por meio da integração entre polícia, serviço médico, psicológico e jurídico. Neste programa, há o acionamento de viaturas especialmente desenvolvidas para acolhimento e transporte da vítima até o Hospital Pérola Byington, onde a mulher passa por médicas legistas para realização dos exames legais. A vítima recebe toda a assistência médica, social, psicológica e jurídica. (São Paulo, 2019).

Porém esses recursos como aplicativos e leis não podem ser entendidos apenas como a ação de punir o agressor. Quando o mesmo é julgado e declarado culpado, ele irá preso. O agressor, estuprador e abusador não é doente e a sociedade deve parar de rotulá-lo assim:

[...] classificá-lo como doente o isentaria da responsabilidade sobre seus atos, assim como quando classificado como um mero produto da sociedade. Acima das

expectativas e conhecimento acerca do tema, o estupro é muito mais difundido do que temos notícia, sendo praticado por homens, em sua grande maioria, que possuem plenas faculdades mentais de escolher praticá-lo ou não, e incentivado por uma série de mecanismos culturais. (Sousa, 2017, pp. 10-11).

Quando o agressor é julgado pela justiça e pela sociedade, presencia-se o fim de mais um caso de abuso sexual. Não existe um debate social e psicológico sobre o assunto, e nada é feito acerca dos meios culturais do qual é construído tais violências.

A pesquisa do Datafolha de 2019⁸ apontada pela revista Veja no mesmo ano, indica que 52% das mulheres não denunciaram a violência sofrida, seja ela de cunho sexual, físico ou moral. De acordo com a pesquisa, um dos motivos foi o mau atendimento nas delegacias e a falta de apoio por parte dos órgãos públicos. Outro motivo seria o julgamento por parte dos policiais e sociedade. A agressão e violência causadas à vítima muitas vezes têm outro significado para o outro, fazendo com que a violentada tenha seus medos e sintas-se no fim, culpada.

É preciso uma legislação e um órgão que tome providências a respeito das denúncias feitas contra os agressores, além de um sistema de apoio de saúde pública mental e físico a essas vítimas ou potenciais vítimas, já que muitas mulheres desistem de denunciar o agressor, sabendo que pouca ou quase nenhuma ação será tomada.

⁸ <https://veja.abril.com.br/brasil/datafolha-274-das-mulheres-relatam-agressoes-metade-nao-denuncia/> acesso em 07/11/2020 – 15h00min.

2.3 Violência sexual na universidade

Escolheu-se trabalhar com jovens funcionárias, estudantes e professoras/pesquisadoras, porém as alunas universitárias são as que mais sofrem as violências e abusos sexuais dentro e fora das universidades.

A pesquisa do Data Popular (2015)⁹ em parceria com o Instituto Avon sobre a violência contra a mulher no ambiente universitário, mostra que 73% dos universitários entre homens e mulheres conhecem casos de assédio sexual contra mulheres. Quanto a violência sexual, 46% destes afirmam que conhecem casos, e 28% das universitárias já sofreram o abuso.

O ambiente universitário, que deveria ser apenas de interação e educação, também é espaço de medo para a mulher. Locais e acessos mal iluminados, falta de segurança, exposição a comportamentos machistas e violência de gênero são fatores determinantes para essa situação. A violência pode vir de criminosos externos, mas não só deles. Colegas e professores, parceiros do cotidiano, podem ser protagonistas de violências que vão da desqualificação intelectual ao estupro. Essa percepção, muitas vezes, já gera a intimidação. (Data Popular, 2015, p. 4).

As pesquisas acadêmicas científicas sobre a violência sexual ainda são pouco investigadas nos ambientes universitários. Apesar da escassez nos estudos, a universidade traz o reforço da desigualdade de gênero, além dos rótulos impostos a universitárias e sua submissão ao sexo masculino.

A pesquisa realizada por Lourdes Bandeira e Tânia Mara Campos de Almeida (2011), intitulada como “O trote universitário: a festa da intolerância e humilhação feminina”,

⁹ http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf acesso em 07/11/2020 – 15h30min.

apresenta de forma clara a humilhação sofrida pelas jovens estudantes, que ao entrarem no meio universitário eram forçadas ao trote e “brincadeiras” abusivas, legitimando assim, a violência sexual.

[...] quais, portanto, os valores e interesses que estão presente nas “brincadeiras” de se fazer as calouras, em plano abaixo ao dos líderes, lamberem uma linguiça lambuzada de leite condensado, numa representação vulgar de sexo oral? Serem leiloadas por seus atributos físicos, tendo como parâmetro estético aquelas tidas como “gostasas” para o sexo? Terem que declamar o juramento de que não diminuirão o “p.” dos veteranos, não ficarão barrigudas e carecas, assim como terem que ouvir dos calouros que estes as fornecerão para os veteranos, como se fossem propriedade daqueles e moeda de troca para garantir o bem-estar deles nesse meio? (Bandeira & Almeida, 2011, p. 1).

A responsável pela pesquisa “O enfrentamento da violência no ambiente universitário: uma experiência na Ufac” Madge Porto (2017) afirma que as violências, sexuais ou não cometidas contra as mulheres no âmbito acadêmico estão sendo denunciadas cada vez mais, o que antes não acontecia, muitas mulheres ainda sentem medo do meio acadêmico. Entretanto, a autora destaca que o medo prevalece nessas universitárias, professoras e funcionárias, por medo de não serem ouvidas, e pior, serem julgadas: “[...] A violência no ambiente universitário ainda não é reconhecida como violência, em especial pela ideia de senso comum, que é um lugar de pessoas intelectuais, um grupo de pessoas mais privilegiadas intelectualmente e que violência contra as mulheres não existiria” (Porto, 2017, p. 407).

Muito se sabe sobre a violência de gênero no âmbito acadêmico, sobretudo, sobre a violência e abuso sexual seja por parte de alunos, professores, funcionários ou homens externos

a universidade, podendo ou não frequentar festas e eventos universitários. Mas como a universidade é titulada como um ambiente científico, quando casos são divulgados, pouco se resolve, se escuta, se dá importância. Ainda é comum a propagação e culpabilização da vítima, afastando-as da academia por medo e/ou por doenças psicossomáticas.

Sabe-se que 67% das jovens universitárias, dentre instituições públicas e privadas, já sofreram algum tipo de violência de gênero – sexual, psicológica, moral ou física, pesquisa feita pelo Data Popular (2015). E, apesar dos crescentes casos violência e abuso sexual nas universidades, uma maior visibilidade para tais casos ainda é necessária. Um estudo realizado por Almeida (2017) titulado como “Violências contra mulheres nos espaços universitários”, a autora afirma que as violências de gênero não são claras nas universidades:

[...] As violências de gênero nesse ambiente não estão claras nem para quem sofre nem para quem as comete, diluindo-se em meras situações de sociabilidade diária entre colegas e em assédios ambíguos por parte de professores a alunas. São de difícil identificação e, conseqüente, dificuldade de enfrentamento e prevenção (p. 388).

Segundo pesquisa realizada pela Intercept (2019) com diversas Universidades – entre públicas e privadas do país, afirmou que o meio mais utilizado para as denúncias de violência sexual contra mulheres no ambiente acadêmico, é a ouvidoria. No entanto a pesquisa afirma que muitas dessas ouvidorias não contêm a opção de violência contra mulher, fazendo com que essas denúncias sejam mascaradas e não divulgadas. Como resposta à pesquisa da Intercept (2019), algumas das Universidades entrevistadas afirmaram que são negligentes aos casos de abuso e violência sexual no meio acadêmico, e enfatizaram a importância de criarem ou melhorarem suas políticas de prevenção à essas e outras violências.

O espaço universitário tem ciência dos casos, mas pouco se fala e se faz sobre, pouco

cria-se instrumentos para barrar essas violências. Sendo assim, considera-se imprescindível a realização de um estudo acadêmico que vise à contribuição e divulgação de um assunto que traz medo a tantas mulheres e o silêncio dos órgãos públicos competentes.

Portanto, faz-se necessário criar dentro do espaço universitário a construção de um instrumento que possa ter voz para as mulheres que lá frequentam e possam mediar possibilidades aos homens de entendimento e respeito à violência de gênero que sofrem as mulheres, em todas as suas formas.

3 METODOLOGIA

Esse estudo foi desenvolvido a partir da trajetória de construção do website “*Chega de abuso*”. A pesquisa se realizou dentro de uma perspectiva qualitativa, onde fizemos uma revisão de literatura que permeou o contexto histórico e cultural da violência sexual em mulheres, trazendo dados qualitativos, sejam elas crianças, adolescentes e adultas. Segundo Lüdke e André (1986), a abordagem qualitativa de pesquisa na área da Educação caracteriza-se por um contato direto do pesquisador com a realidade e deste modo oferece a possibilidade de documentar o não documentável.

Aliando-se a revisão de literatura, esse estudo partiu de uma análise descritiva. O seu conceito de abordagem descritiva é definido como aquela que descreve uma realidade e é usado em vários contextos, não só acadêmicos, mas em marketing, pois tem um caráter exploratório (Tonetto, Brust-Renck & Stein, 2014).

Para atender aos objetivos propostos deste estudo, realizamos um estudo descritivo dentro de uma perspectiva qualitativa, partindo do pressuposto que ele possibilitou maior aproximação com o website, e assim colhendo as experiências vividas das mulheres da universidade dentro dele (Minayo, 1993).

A análise descritiva dividiu-se nas três partes a seguir:

- Parte I: se refere a pesquisa bibliográfica levantada para demonstrar a necessidade da construção e desenvolvimento de um website que contribua no enfrentamento à violência e abuso sexual em mulheres, universitárias ou não. A escolha dos referenciais teóricos foi feita a partir de estudos que enfatizaram a questão da violência sexual contra a mulher, sua legislação e órgãos de atendimento, além de trazer estudos específicos que dissertaram sobre esse tipo de violência no âmbito universitário.

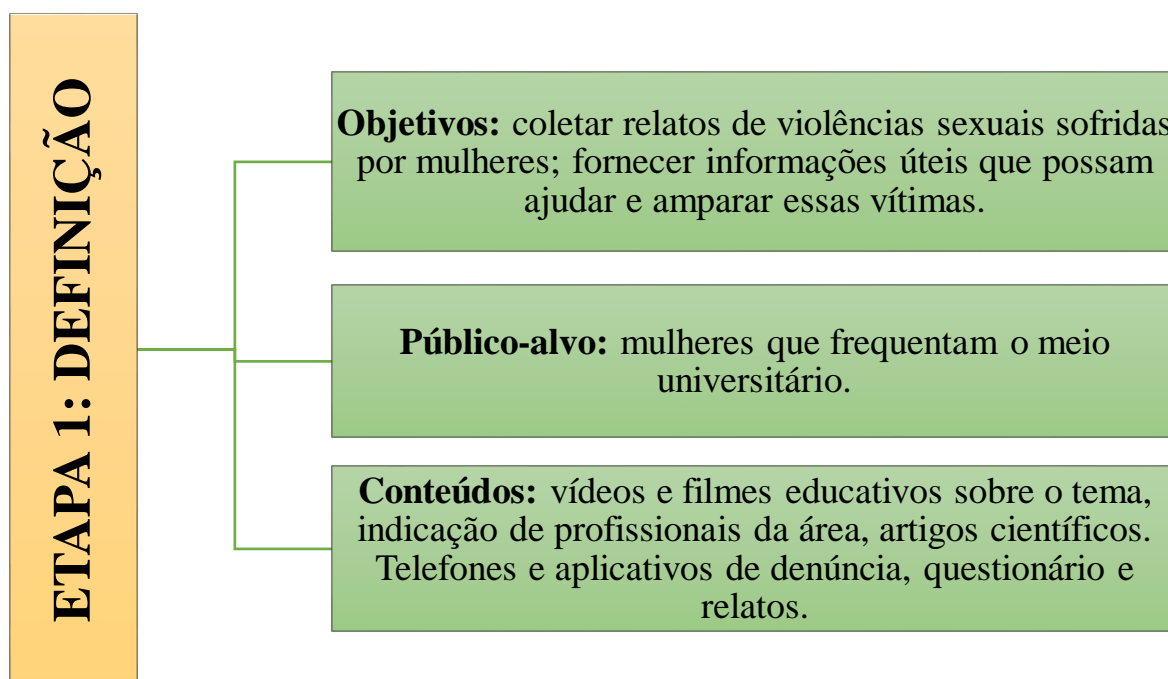
- Parte II: em uma perspectiva de análise descritiva, a segunda parte dessa dissertação relatou toda a trajetória na construção do website: os objetivos ao desenvolver o site, tópicos abordados na plataforma, características, elaboração do questionário implantado no website, estética, mapeamento de usuários e resultados esperados.
- Parte III: a última parte dessa pesquisa traz o website finalizado com as considerações acerca da implementação da plataforma às usuárias no combate à violência e abuso sexual contra mulheres.

3.1 Processo de desenvolvimento do website “*Chega de abuso*”

De acordo com Falkembach (2005), para construir um website é preciso existir uma metodologia que forneça todas as informações alinhadas para que atenda todos os requisitos e solicitações, construindo um conjunto de procedimentos, objetivos, normas e ferramentas adequadas para o desenvolvimento da plataforma online desejada.

Baseando-se na metodologia de desenvolvimento de websites de Clement Mok, (Vicentini & Mileck, 2000) de nome: Metodologia DADI, a plataforma foi desenvolvida a partir de 4 etapas, que são significadas em sua sigla: Definição, Arquitetura, Design e Implementação – DADI. Essa metodologia tem como objetivo ser um instrumento no desenvolvimento de plataformas virtuais, uma vez que no decorrer das etapas da criação do website, as mesmas se interagem. Cada uma dessas etapas será detalhada abaixo, de acordo com a construção do website.

Figura 1 – Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 1 – Definição



Na primeira etapa do desenvolvimento do website “*Chega de abuso*”, foram definidos os objetivos, o público-alvo esperado e os conteúdos que seriam abordados na plataforma. Os objetivos específicos traçados foram a coleta dos relatos de violência sexual sofrida pelas vítimas usuárias do website, mulheres que preencheram o questionário e descreveram sua história, e o fornecimento de informações à essas vítimas e/ou usuárias do website, tais como aplicativos de denúncia, telefone para contato, “fale conosco”, além de indicações de filmes, documentários, artigos e profissionais da área que possam ajudar a compreender o que é a violência sexual e como lidar com esse trauma.

O público-alvo indicado para a construção do website foi o de mulheres a partir de 18 anos. Essa faixa etária foi escolhida pensando em mulheres que frequentam o meio universitário (universitárias, professoras/pesquisadoras, funcionárias, visitantes, pesquisadoras externas), que poderiam ter sido vítimas e preencheriam o questionário relatando a violência sexual sofrida ou que tenha observado, independente da sua idade.

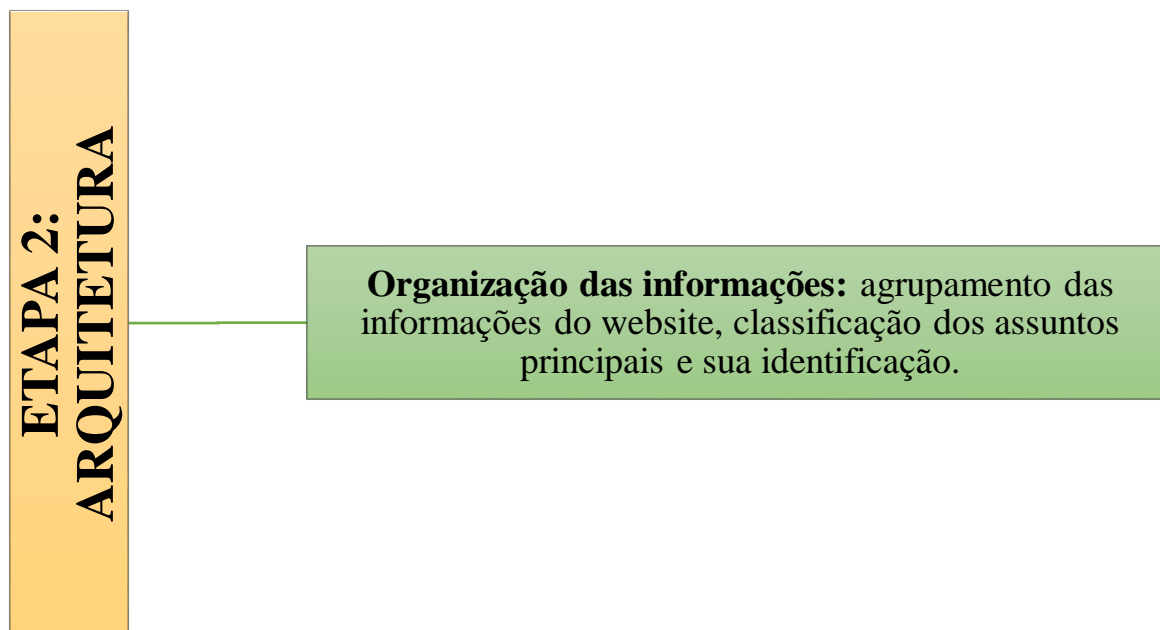
Já no processo da escolha de conteúdos que fariam parte do website, selecionamos como embasamento de dados científicos à pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão, “Percepções e comportamentos sobre a violência sexual no Brasil” (2016)¹⁰, além de dois guias da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, com informações a favor da promoção e defesa dos direitos da mulheres: Delegacias especializadas (São Paulo, 2020) e Centros de atendimentos às situações de violência doméstica e familiar contra as mulheres (São Paulo, 2020). Os dados contidos nos guias e na pesquisa do Instituto Patrícia Galvão, foram utilizados prioritariamente na aba do website “Contato e ajuda”, porém tiveram destaque em outras páginas, além do vídeo na página inicial.

Os conteúdos relacionados a filmes, a documentários, a artigos e a profissionais, foram selecionados partindo da temática de violência sexual contra mulheres dentro e fora do ambiente universitário.

Na segunda etapa do desenvolvimento do website, partimos para a fase de arquitetura:

¹⁰ <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/percepcoes-e-comportamentos-sobre-violencia-sexual-no-brasil-instituto-patricia-galvaolocomotiva-2016/> acesso em 07/11/2020 – 16h00min.

Figura 2 – Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 2 – Arquitetura



A fase de arquitetura foi realizada de modo a organizar as informações para serem contidas no website de acordo com a sua importância. Segundo Ramos (2008), é importante que o website seja desenvolvido e dividido entre zonas principais e secundárias, trazendo uma melhor orientação aos usuários quando navegarem pela plataforma. Dessa forma, o website foi dividido em 5 categorias principais, algumas delas com subcategorias (secundárias): 1. *Página de início*, 2. *O projeto*, 3. *Histórias de vida*, dividida em 2 subcategorias (questionário e relatos), 4. *Conhecimento*, com 3 subcategorias (filmes e séries, textos e artigos, profissionais da área), 5. *Contato e ajuda*. No total, tivemos 8 de páginas desenvolvidas no website após sua finalização. As páginas não foram enumeradas no design do website, porém serão elencadas nessa dissertação para uma melhor elucidação da organização da plataforma.

Seguindo a proposta do modelo de Carvalho (2006) na construção de um website com foco educacional, seguimos um modelo de arquitetura do site que contemplasse os seguintes critérios:

- **Identidade:** o website deve conter o seu próprio nome, de quem é sua autoria e qual o seu propósito ao desenvolver a plataforma;
- **Estrutura:** o menu e hiperlinks devem estar sempre visíveis aos usuários do website, expondo suas seções (categorias principais e secundárias);
- **Interface e Design:** a interface e design do website deve refletir no propósito e no objetivo ao desenvolver a plataforma (tamanho de fonte, vídeos acessíveis, cores, sons, acessibilidade);
- **Usabilidade:** desenvolver um website que traga uma melhor usabilidade para os usuários (acesso aos conteúdos de forma explícita, hiperlinks de acesso em todas as páginas, etc.);
- **Informação:** apresentar no website informações que explicitem o conteúdo a ser abordado (textos temáticos, referências, autores);
- **Comunicação:** o website deve fornecer meios para que os usuários possam entrar em contato com o idealizador, portanto deve conter correio eletrônico, fóruns ou espaço para dúvidas, etc.;
- **Atividades:** considerando que os usuários precisam ter interação com o website educacional, o mesmo deverá ter opções de atividades, como jogos, ou preenchimento de questionários, por exemplo.

Após a seleção dos critérios a serem apresentados, destacamos essas práticas aplicadas após a finalização do website na plataforma:

Figura 3 – Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Identidade



Figura 4 – Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Interface e Design, Usabilidade

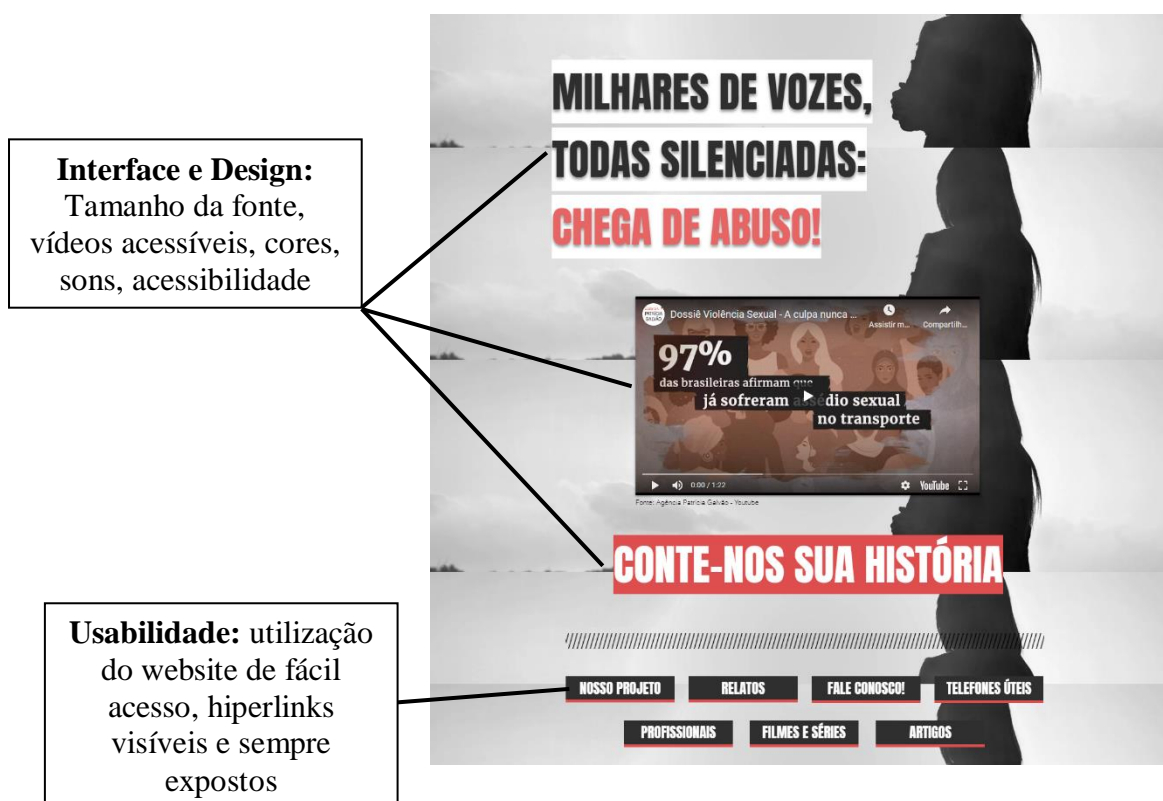


Figura 5 – Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho

(2006): Estrutura e Informação



Figura 6 – Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho

(2006): Comunicação

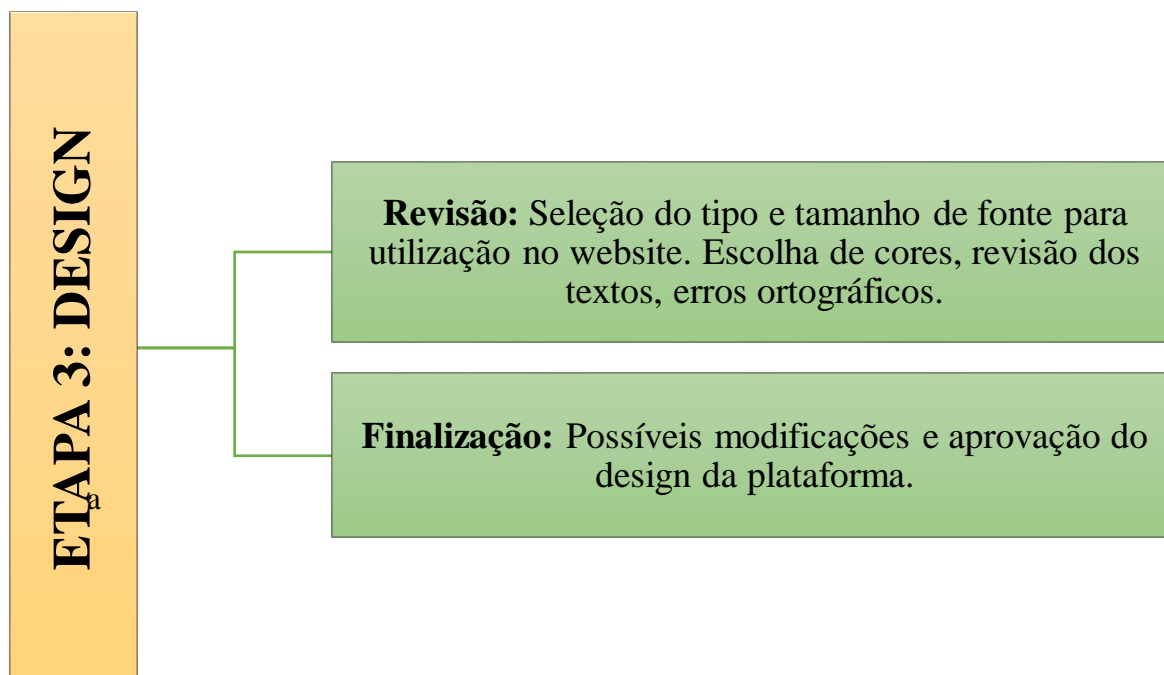


Figura 7 – Práticas aplicadas no modelo de arquitetura, segundo critérios de Carvalho (2006): Identidade

Atividades: Interação com o website, questionário preenchido pelas usuárias

Na terceira de construção do website *“Chega de abuso”* têm-se a fase do Design:

Figura 8 – Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 3 – Design



O design do website foi pensado partindo de como seria a criação da interface, tipo de fonte, de tamanho, as suas cores, além da disposição dos conteúdos a serem apresentados. A proposta do design do website foi desenvolvida pela própria organizadora do projeto, com contribuições de sua orientadora. Preferiu-se não designar o serviço do desenvolvimento e design para um profissional da área, visto que o conteúdo abordado é frágil e os questionários recolhidos posteriormente precisarão de sigilo.

Foi escolhida a plataforma Wix.com disponível e guardada em nuvem, onde todos os dados registrados na criação do seu website ficam gravados. A plataforma disponibiliza diversos *templates* prontos em websites, que podem ser escolhidos de acordo com o tema sugerido pelo usuário, e modificado conforme sua preferência.

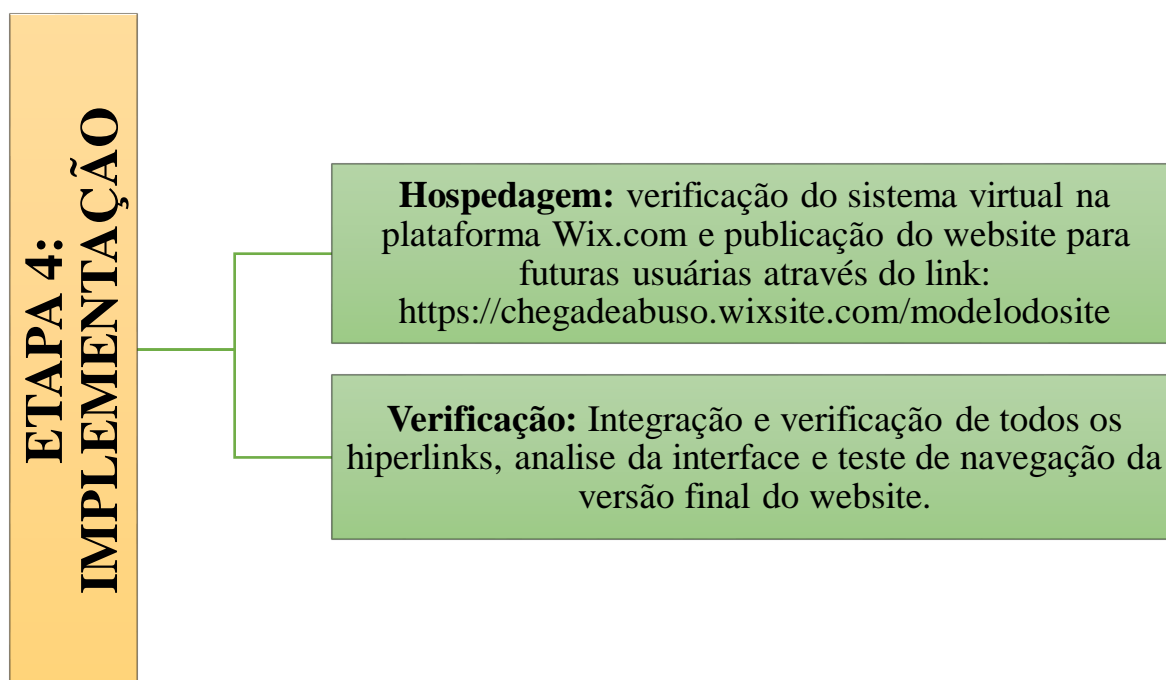
O *template* escolhido para ser parte do design do website “*Chega de abuso*” continha o plano de fundo de uma mulher de costas, com efeito de cores em branco e preto. A imagem transmite a sensação de que aquela mulher pode ter sido violentada sexualmente e está impotente, com medo, frustrada, acuada. As cores escolhidas para compor o design foram em tons de vermelho e preto, pensando no significado das cores e sua estética na página virtual e conteúdo a ser abordado: violência e abuso sexual. Segundo Banks e Fraser (2007), cada cor tem um diagnóstico, sendo que, o vermelho representa coragem física, força, agitação, sobrevivência, e pode representar tensão, agressão, violência. O preto passa a sensação de segurança, e ao mesmo tempo traz a angústia, ameaça, opressão.

A fonte utilizada no desenvolvimento e design foram diversificadas: *Museo Slab* para o Menu, *Anton* para os textos atrativos e grandes, além dos hiperlinks nas páginas do website, *Cookie* para os hiperlinks do rodapé e *Helvetica Light* para textos maiores, questionários, etc. O tamanho das fontes variaram de acordo com a finalidade do texto, de 12 a 76. Quanto ao uso de mídias, todas as imagens foram retiradas do acervo pessoal da autora/pesquisadora, através da busca na *internet*. A escolha do vídeo da página inicial e da subcategoria “Filmes e séries”

se deu através da plataforma *Youtube*, que tem interação direta com a plataforma *Wix.com*.

Com a finalização do protótipo do website “*Chega de abuso*”, foram feitas as alterações necessárias através de uma revisão geral pelas organizadoras do projeto. O website foi publicado e foram feitos testes, considerando: acessibilidade dos hiperlinks em todo o conteúdo das páginas, visualização de todos os vídeos, preenchimento do questionário e da central: ‘Fale conosco’; Hiperlink da logomarca; Inscrição de endereço eletrônico para atualizações; Hiperlinks para acesso aos conteúdos fora do website (Currículo Lattes, arquivos em PDF).

Figura 9 – Representação gráfica do desenvolvimento do website: Etapa 4 – Implementação



De acordo com Falkembach (2005), na fase de implementação é preciso averiguar minuciosamente todos os textos e títulos para que não haja erro após sua publicação. Além disso faz-se necessário integrar e testar todas as mídias e hiperlinks, confirmando se está havendo uma estrutura de website interativa para com os usuários, permitindo uma navegação simples, lógica e intuitiva.

Conforme citado anteriormente, o website “*Chega de abuso*” foi idealizado e criado um protótipo através da plataforma de desenvolvimento da web, Wix.com, instrumento baseado no arquivamento de dados em nuvem. Wix.com é um website gratuito para a criação de websites, em formato Hypertext Markup Language (HTML), linguagem para produção de conteúdos que fornece ferramentas para constituir um website online, gratuito, com um editor de ‘arraste e solte’ de fácil manipulação, não sendo necessário um profissional da área tecnologia para manusear a plataforma.

Após a aprovação, validação dos hiperlinks, interação com todas as páginas e versão final, o website foi publicado como modelo para futuras usuárias e para uma validação teste, através do link: <https://chegadeabuso.wixsite.com/modelodosite>.

3.2 Processo de validação do website “*Chega de abuso*”

A validação do website “*Chega de abuso*” foi feita de forma geral, sem detalhamento ou resultados do preenchimento do questionário, já que a pesquisa não passou pelo Comitê de Ética. Ressalta-se que o após a publicação online do website, para checagem dele, o mesmo foi mantido ativo por um período de 4 dias e teve uma grande procura no preenchimento do questionário por usuárias, alunas, funcionárias e professoras, que acabaram visitando-o, porém, após a qualificação, a sugestão da banca foi que se retirasse o website do ar e que a pesquisadora fizesse uma análise descritiva do desenvolvimento do website, para posterior divulgação, apresentação e hospedagem nas Universidades Públicas do Estado de São Paulo, caso as

mesmas validarem o website como instrumento importante para uso e benefício a comunidade acadêmica. O conteúdo é sigiloso e frágil e por precaução, a banca de qualificação, a orientadora, bem como a pesquisadora, acharam melhor não trazer os dados a fim de preservar as mulheres – professoras, funcionárias e alunas, assim como a Universidade.

A avaliação do website foi feita após a publicação online da plataforma, por uma das organizadoras do projeto, no caso, a orientadora, permitindo que se verificasse a funcionalidade e os hiperlinks dos conteúdos internos e externos, inscrição de e-mail, escrita na central 'Fale conosco', e preenchimento do questionário relatando a violência ou abuso sexual sofrido.

Notou-se que na totalidade da construção, o website correspondeu ao que foi esperado no desenvolvimento do mesmo e da pesquisa, visto que ao testar e validar a plataforma, tanto a pesquisadora como a orientadora, conseguiram executar todas as funcionalidades com êxito, inclusive recebendo confirmação em seus e-mails ao preencherem um dos itens apresentados no website.

4 RESULTADOS

Como resultados deste estudo, será apresentado o website “*Chega de abuso*” desenvolvido, e uma breve discussão dos objetivos alcançados.

4.1 Construção e desenvolvimento do website “*Chega de abuso*”

A construção do website “*Chega de abuso*” durou por volta de 10 meses e teve um total de 8 páginas. Vale frisar que o projeto da construção do website é contínuo, sempre se reformulando com legislações novas, telefones úteis, séries, documentos, etc., para quando o mesmo estiver ativo, portanto as páginas poderão ser ampliadas com novos conteúdos (textos, filmes, séries, artigos, profissionais da área), além de informações de contato e ajuda às usuárias. Todas as páginas seguiram uma mesma padronização em relação às cores, à logomarca do website, ao menu, ao texto, ao tamanho e à cor da fonte, como seu *layout*.

A página 1 do website “*Chega de abuso*” recebeu o título de *Início*. A parte superior da página contém a logomarca do website e um menu com 5 diferentes opções de escolha: *Início*; *O projeto*; *Histórias de vida*; *Conhecimento*; *Contato e ajuda*. O menu superior mantém-se em toda a navegação pelo website, permanece ‘congelada’ para que os usuários poderão utilizar conforme necessidade.

A parte central da página *Início* engloba um letrero personalizado com o objetivo de atrair os usuários sobre o tema do website: *Milhares de vozes, todas silenciadas: “Chega de abuso”!* Além do letrero, um vídeo sobre violência sexual e consentimento fica disponível na página inicial para visualização. O vídeo foi direcionado da plataforma *YouTube*, através do canal “*Agência Patrícia Galvão*”, instituto que aborda a violência contra as mulheres, traz dados e estatísticas de violências contra as mulheres. Ainda na parte central, porém mais na área inferior da página, estão dispostos alguns links de acesso direto aos assuntos abordados no

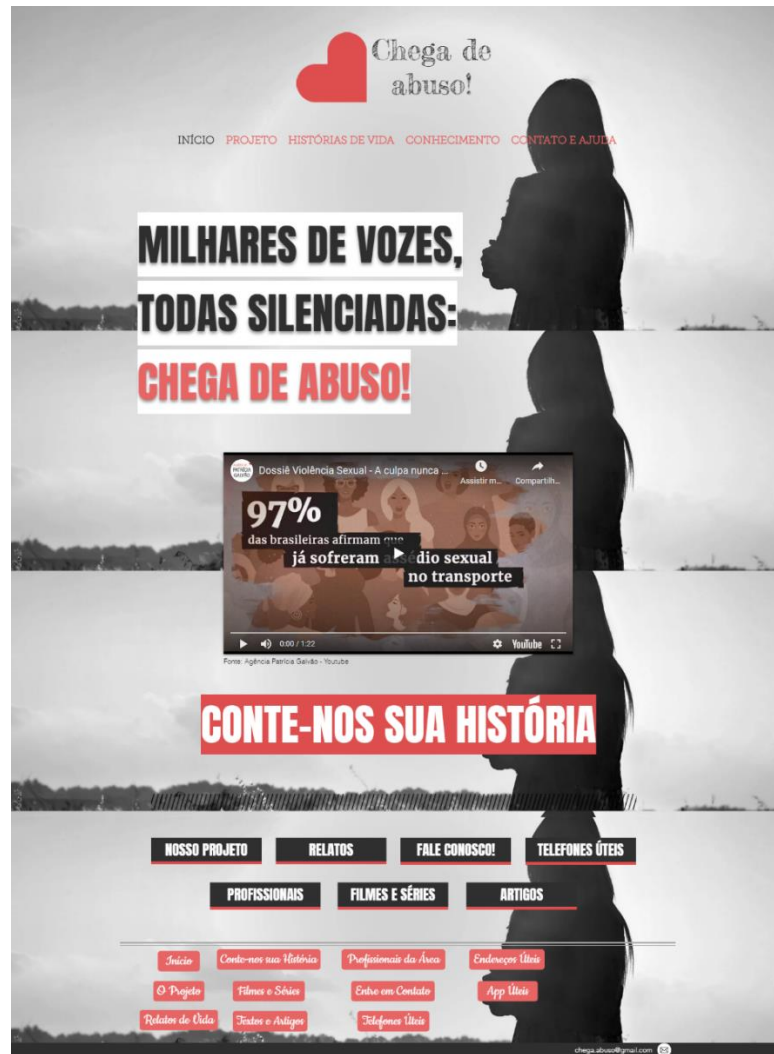
website. O hiperlink maior “Conte-nos sua história” envia aos usuários (vítimas ou não) à página de preenchimento do questionário, onde elas relatam a violência ou abuso sexual sofrido. Os outros hiperlinks, menores, dão acesso às outras páginas do website: Nosso projeto; Relatos; Fale conosco; Telefones úteis; Profissionais; Filmes e séries; Artigos.

Na última parte da página encontra-se o rodapé, com hiperlinks para as outras páginas do website: “Início”; “Conte-nos sua história”; “Profissionais da área”; “Endereços úteis”; “O projeto”; “Filmes e séries”; “Entre em contato”; “App úteis”; “Relatos de vida”; “Textos e artigos”; “Telefones úteis”; além do endereço de e-mail para contato.

Os hiperlinks de acesso no rodapé foram divididos de acordo com os conteúdos abordados na construção do website, ao contrário do menu superior, categorizando apenas as áreas principais e secundárias. Assim como o menu superior, o rodapé também se mantém em todas as páginas navegadas pelo website.

As três partes da página 1 (área superior, central e rodapé), estão descritas na figura (10) abaixo:

Figura 10 – Descrição da página 1 do website “Chega de abuso” – Início



Área superior: Logomarca e menu

Área central: Letreiro, vídeo, hiperlinks de acesso direto ao website

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

A página 2, “*Projeto*”, do website foi dedicada à descrição do estudo e apresentação das organizadoras do projeto. A área superior do website e rodapé mantém-se os mesmos conforme citado anteriormente, com logotipo, menu para acesso na parte superior, e hiperlinks na área inferior.

Em sua área central o website descreve, do lado esquerdo, um pequeno resumo sobre o projeto desenvolvido: objetivos, conteúdos da plataforma e justificativa quanto à criação do website. Ao lado direito, ainda na parte central, estão as informações acadêmicas das organizadoras do website, além de hiperlink para acesso ao Currículo Lattes e endereço eletrônico (e-mail) para contato. Logo abaixo encontra-se um campo para preenchimento do e-mail das usuárias que tiverem interesse em receber informações e atualizações sobre o website e o estudo. Ao lado foram criados hiperlinks de acesso ao restante do website, facilitando a procura: “Conte sua história”; “Textos e artigos”; “Filmes e séries”; “Relatos”; Profissionais da área”; “Precisando de ajuda?”.

Figura 11 – Descrição da página 2 do website “Chega de abuso” – Projeto

Área superior: Logomarca e menu

Área central: Descrição do projeto, informações sobre as organizadoras, preenchimento do e-mail para atualizações e hiperlinks de acesso

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

Fonte: autor, 2020

As páginas 3 e 4 (Relatos e Questionário), são subcategorias dentro do menu principal “*Histórias de vida*”. O título dessa categoria foi dado pensando nos vários relatos que mulheres universitárias poderão dar perante à violência ou abuso sexual sofrido e em como essas histórias afetam diretamente a vida dessas e outras mulheres.

A subcategoria “*Relatos*” foi desenvolvida a fim de expor os relatos devidamente autorizados e enviados por essas mulheres ou outros usuários que possam relatar algum tipo de violência presenciada. Após a validação do website, esses relatos serão publicados na plataforma com as seguintes informações: nome fictício da relatora, idade e breve resumo sobre a violência ou abuso sexual sofrido ou assistido. Ainda na página de “Relatos”, no parte direita (área central), foi adicionado apenas um hiperlink que direciona as usuárias para a página do questionário (Conte sua história). Somente esse hiperlink aparece na página de relatos, trazendo o enfoque para o preenchimento do questionário.

A página 4 da subcategoria “*Questionário*” é exclusiva para o preenchimento do questionário e relatos das usuárias. O questionário foi elaborado pensando em uma espécie de entrevista online, velada e preservada, para que essas vítimas, alunas, professoras ou funcionárias das Universidades possam relatar a violência ou abuso sexual sofrido ou assistido.

A área central da página exibe o seguinte texto atrativo que convida as visitantes do website a preencherem o questionário: *Preencha o questionário abaixo e relate-nos sua história de vida.* O questionário é composto de perguntas de múltipla escolha, respostas abertas, seguido de um espaço para a escrita do relato da violência sexual, caso a usuária deseje. Serão informados além do relato aberto da violência sexual sofrida, o local do acontecimento, o ano, a idade atual da vítima e a idade quando a violência ocorreu. Para uma posterior tabulação desses dados em momento futuro, o questionário também terá um espaço para que as usuárias preencham se são universitárias, professoras, funcionárias, pesquisadoras externas ou só frequentam o meio acadêmico. O questionário aplicado no website “*Chega de abuso*” está

descrito no ANEXO 1, ao final dessa dissertação.

Na área central ao lado do questionário, encontra-se um hiperlink para acessar a página de “*Relatos*”, e logo abaixo a página exibe uma tabela com alguns dados estatísticos sobre violência sexual no Brasil. Esses dados foram retirados Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2014) e Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2016).

As páginas 3 e 4 estão descritas em formato de figura abaixo:

Figura 12 – Descrição da página 3 do website “Chega de abuso” – Relatos (subcategoria)

The image shows a screenshot of the website 'Chega de abuso!' with three callout boxes pointing to different sections:

- Área superior: Logomarca e menu**: Points to the top of the page, including the red heart logo and the navigation menu with items: INÍCIO, PROJETO, HISTÓRIAS DE VIDA, CONHECIMENTO, and CONTATO E AJUDA.
- Área central: Relatos autorizados pelas usuárias, hiperlink direcionando ao questionário**: Points to the central content area, which features a large red button labeled 'CONTE SUA HISTÓRIA!' and three identical story cards. Each card includes a placeholder image of a person's back and a text block starting with 'Nome da pessoa' and 'idade do usuário', followed by a paragraph of text.
- Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail**: Points to the footer area, which contains a grid of red buttons for navigation: Início, Conte-nos sua História, Profissionais da Área, Endereços Úteis, O Projeto, Filmes e Séries, Entre em Contato, App Úteis, Relatos de Vida, Textos e Artigos, and Telefones Úteis. The footer also includes the email 'chega.abuso@gmail.com' and a small logo.

Fonte: autor, 2020

Figura 13 – Descrição da página 4 do website “*Chega de abuso*” – Questionário (subcategoria)

The screenshot shows the 'Chega de abuso!' questionnaire page. At the top, there is a logo and a navigation menu. The main heading reads 'PREENCHA O QUESTIONÁRIO ABAIXO E RELATE-NOS SUA HISTÓRIA DE VIDA'. Below this, there are several sections of questions, each with radio button options. A sidebar on the right contains a 'LEIA OS RELATOS AQUI' button and a list of related articles. At the bottom, there is an 'ENVIAR' button and a footer with various social media and contact links.

Área superior: Logomarca e menu

Área central: Preenchimento do questionário, dados estatísticos e hiperlink de acesso aos relatos

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

As páginas 5, 6 e 7 são secundárias que estão inseridas dentro da categoria principal “*Conhecimento*”. Essa categoria traz informações sobre violência e abuso sexual sob forma de filmes, artigos, profissionais da área, etc.

A página 5, subcategoria denominada de “*Filmes e séries*”, traz em sua área central algumas indicações de filmes, documentários e séries que abordam o tema de violência sexual, com uma breve sinopse seguida do trailer para visualização. Nesse primeiro momento foram adicionados 4 diferentes indicações: 1. Filme “*Paulina*” (2016), que conta a história de uma advogada que largou sua carreira para ser professora, até ser estuprada por um grupo de alunos. Seu pai, também advogado, busca por justiça, enquanto Paulina continua a lecionar, buscando respostas, alinhada à esfera política e educacional. 2. Documentário “*The Hunting Ground*” (2015), traz a realidade da violência sexual nas universidades americanas, e como a justiça do país não se esforça para buscar justiça às mulheres que foram violentadas. O documentário relata que uma em cada cinco universitárias sofrem violência sexual. 3. Série “*13 Reasons Why*” (2017) aborda diversos assuntos além da violência sexual, como depressão, bullying e suicídio em função da violência que mulheres sofreram. Relata a história de Hannah Baker, uma adolescente que se suicida e deixa 7 fitas da qual, conta as 13 razões para ter se suicidado. Hannah foi vítima de violência sexual, além de ter assistido outra violência contra sua amiga. 4. Filme “*O silêncio de Lara*” (2014), conta a história de Lara, uma adolescente que desde pequena sofria violência sexual dentro de casa, e sempre guardava seu sofrimento. Um dia resolve contar a verdade, após receber um folheto ‘Quebre o silêncio’, mudando toda a trajetória de sua vida. Ainda na área central da página 5, foram criados hiperlinks de rápido acesso a algumas páginas do website: Textos e artigos, Profissionais, Relatos, Conte sua história (Questionário).

A subcategoria “*Textos e artigos*” estão inseridos na página 6 do website e traz três diferentes referências de textos sobre a temática. 1. Artigo “*Violência e Abuso Sexual na*

Família” (ARAÚJO, 2002), traz um relato de experiência sobre famílias que foram vítimas de violência sexual intrafamiliar, e que foram encaminhadas para apoio psicológico após a denúncia ou suspeita. O website anexou o link para acesso em PDF do artigo para que as usuárias tenham acesso ao texto completo. 2. Livro *“Bom dia Verônica”* (KILLMORE, 2016), conta a história de Verônica, mulher que trabalha na Polícia Civil do Estado de São Paulo e acaba presenciando um suicídio de uma mulher dentro da delegacia, ao mesmo tempo em que recebe uma ligação anônima de outra vítima que sofre violência pelo marido. Verônica inicia a investigação dos dois casos, enquanto descobre além da violência sexual, outros tipos de abusos em ambos casos. 3. Livro *“Desconstruindo Una”* (UNA, 2016), é um livro de História em quadrinhos da própria violência sexual que a autora sofreu. A história relatada se passa em meados dos anos 70, mas traz aspectos atuais da nossa realidade em relação a culpa que as vítimas sentem ao serem violentadas e o medo da denúncia, de serem julgadas. Ao lado dos textos anexados foram adicionados hiperlinks de acesso às páginas: Filmes e séries, Relate sua história (Questionário), Profissionais, Relatos.

A página 7. *“Profissionais da área”* foi dedicada em sua área central para indicações de profissionais que abordam o tema de violência sexual, sejam eles professores universitários, médicos, profissionais da saúde, psicólogos, etc. Inicialmente trouxemos algumas indicações de profissionais, mas o website será futuramente automatizado para indicação de profissionais de diversas regiões do país. O website traz três diferentes profissionais, todos professores universitários: 1. *Profa. Célia Regina Rossi*, professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Rio Claro, São Paulo/Brasil, e professora de Pós-Graduação em Educação Escolar e Educação Sexual na UNESP, Campus Araraquara. Tem experiência na área de Educação, Sexualidade, Gênero, Violência e Educação em Sexualidade e Direitos Humanos. 2. *Prof. Dr. Paulo Rennes*, é Livre-Docente em Sexologia e Educação Sexual pela UNESP, Campus Araraquara. Atua na área de Educação e Psicologia,

com ênfase na pesquisa em Sexualidade Humana. 3. *Profa. Dr. Cláudia Vianna*, é professora Universidade de São Paulo (USP), atuando na área da Educação, com ênfase em Política Educacional, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. Foram anexados no website os hiperlinks para acesso ao Currículo Lattes de todos os professores referenciados.

As áreas superiores (Logotipo e Menu), e rodapé mantêm-se com o mesmo conteúdo em todas as páginas citadas acima. As páginas 5, 6 e 7 estão como exemplo abaixo:

Figura 14 – Descrição da página 5 do website “Chega de abuso” – Filmes e séries (subcategoria)



Fonte: autor, 2020

Figura 15 – Descrição da página 6 do website “Chega de abuso” – Textos e artigos (subcategoria)

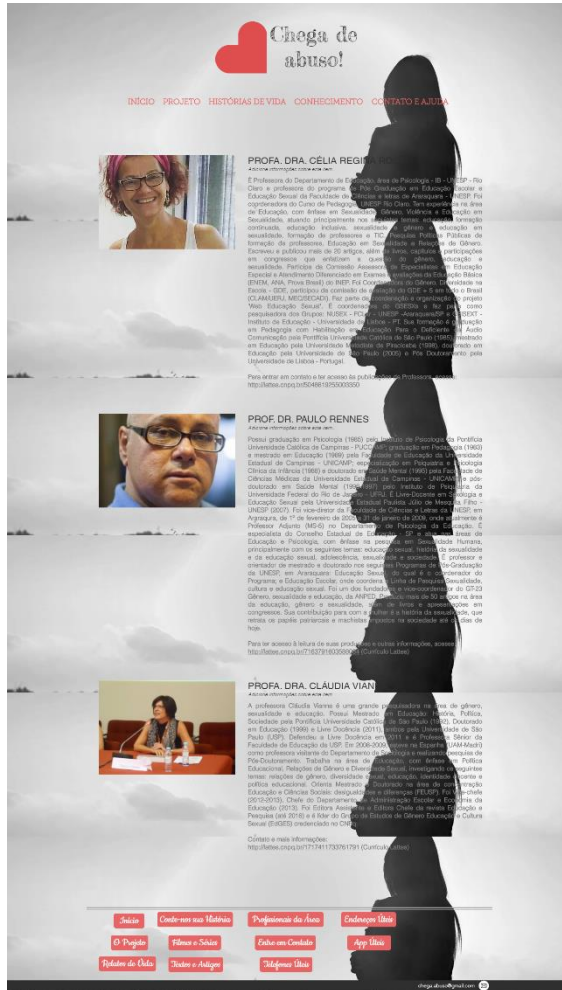
Área superior: Logomarca e menu

Área central: Textos, livros e artigos sobre o conteúdo, hiperlink de acesso

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

Fonte: autor, 2020

Figura 16 – Descrição da página 7 do website “Chega de abuso” – Profissionais da área (subcategoria)



Área superior: Logomarca e menu

Área central: Textos, livros e artigos sobre o conteúdo, hiperlink de acesso

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

Fonte: autor, 2020

A página 8 do website “*Chega de abuso*” traz informações de contato e ajuda às usuárias da plataforma e vítimas de violência e abuso sexual. Em sua área central na parte superior, as usuárias terão acesso ao questionário ‘Fale conosco’, assim, poderão preencher com o nome (opcional), e-mail para contato e relatar sua dúvida ou ajuda e orientação necessária. Ao preencher esse questionário, a dúvida da usuária é enviada para o endereço eletrônico do website. Esse espaço foi criado pensando nas potenciais dúvidas e esclarecimentos que as usuárias possam ter ao preencher o questionário relatando a violência sexual, ou outros questionamentos quanto ao projeto, sigilo, dados estatísticos, ajuda psicológica e social, etc.

Ao lado do ‘Fale conosco’ encontra-se um texto de instrução para denúncias junto ao Ministério Público do Estado de São Paulo - MPSP. O MPSP conta com o aplicativo Linha Direta, já descrito anteriormente, onde denúncias de violência e abuso sexual podem ser feitas de forma anônima ou não. O website direciona as usuárias com um hiperlink para fazer o download do APP caso haja necessidade. Ainda na área central do website, foram descritos APP úteis que podem ser utilizados para vítimas e para denúncias de violência e abuso sexual. Eles são APP de denúncias, alertas, serviços públicos às vítimas, orientações, além de mapeamento de violência e abuso em regiões frequentadas pelas usuárias dos APP.

Os telefones e endereços úteis foram inseridos no website na página 8 considerando o contato telefônico para denúncias em todo o Brasil, além das Delegacias de Atendimento à Mulher no Estado de São Paulo, visto que o projeto será divulgado a jovens mulheres, universitárias, ou não, que frequentam Universidade do Estado de São Paulo. Os telefones e endereços foram retirados do website da Defensoria Pública do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2020). O quadro com a descrição dos telefones e endereços encontra-se abaixo:

Quadro 1 – Telefones e endereços úteis inseridos no website “*Chega de abuso*” –

Página 8 (Contato e ajuda)

DENÚNCIAS NO BRASIL	<ul style="list-style-type: none"> • Disque 100 - Para meninas e adolescentes vítimas de abuso • Disque 180 - Para mulheres vítimas de violência doméstica e abuso sexual • Disque 156 - Para moradoras do DF, opção 6 • Disque 153 - Linha de emergência
DELEGACIAS DE ATENDIMENTO À MULHER	Americana/SP: Rua Argentina, 242 - Vila Frezzarim. (19) 3462-1079
	Araçatuba/SP: Rua Governador Pedro de Toledo, 322 - Vila Bandeirantes. (18) 3622-3064 / (18) 3624-9926
	Araras/SP: Avenida Dona Renata, 1875 - Centro. (19) 3541-681
	Araraquara/SP: 1. DELEGACIA: Avenida Doutor Gastão Vidigal, 357 - Jardim Primavera. (16) 3336-4458 2. CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER: Rua Comendador Pedro Morganti (RUA 11), 2231 - Centro. (16) 99762-0697
	Assis/SP: Rua Piratininga, 428 - Vila Central. (18) 3325-1799 / 3321-7318
	Bauru/SP: Rua Araújo Leite, 15049 - Vila Aeroporto Bauru. (14) 3226-3088 / 3234-5233
	Botucatu/SP: Rua Gustavo Teixeira Assumpção, 159 - Jardim Dona Nicota Barros. (14) 3882-5098
	Campinas/SP: 1. Avenida Doutor Antônio Carlos Sáles Júnior, 310 - Jardim Proença. (19) 3242-5003 2. Avenida Governador Pedro de Toledo, 1161 - Bonfim. (19) 3242-7762

	<p>3. Rua Ferdinando Panattoni, 590 - Jardim Paulicéia. (19) 3227-0080</p> <p>4. SOS AÇÃO MULHER E FAMÍLIA: Rua Doutor Quirino, 1856 / 1º andar - Centro. (19) 3232-1544 / 3234-2272</p>
	<p>Dracena/SP: Rua Tomé de Sousa, 501 - Centro. (18) 3821-4240</p>
	<p>Franca/SP: Avenida Doutor Hélio Palermo, 3612 - Prolongamento Vila Duque de Caxias. (16) 3722-9000</p>
	<p>Guaratinguetá/SP: Rua Rangel Pestana, 195 - Centro. (12) 3122-4211</p>
	<p>Guarulhos/SP: Rua Mena, nº 497 - Jardim Santa Mena. (11) 2485-8524</p>
	<p>Ilha Solteira/SP: Passeio Cuiabá, 408 - Zona Sul. (18) 3742-4922</p>
	<p>Itapeva/SP: Rua Capão Bonito, 375 - Vila Bom Jesus. (15) 3521-6907</p>
	<p>Jaboticabal/SP: Avenida Duque Caxias, 628 - Centro. (16) 3202-6311</p>
	<p>Limeira/SP: Rua João Borges Sampaio, 750 - Jardim São Manoel. (19) 3451-2589</p>
	<p>Marília/SP: Rua Luiz Pereira Barreto, 201 - Jardim Maria Izabel. (14) 3433-3836 / 3433-1133</p>
	<p>Ourinhos/SP: Rua Aristides Lau Sampaio, 159 - Jardim Paulista. (14) 3322-5343</p>
	<p>Piracicaba/SP: Rua Dona Eugênia, 285 - Jardim Europa. (19) 3433-5878</p>
	<p>Presidente Prudente/SP: Rua José Dias Cintra, 149 - Vila Ocidental. (18) 3908-7660</p>
	<p>Registro/SP: Avenida Clara Gianotti de Souza, 1051 - Vila São Nicolau. (13) 3822-4240</p>
	<p>Ribeirão Preto/SP: Rua Duque de Caxias, 1048 - Centro. (16) 3610-4499 / 3964-7344</p>

	<p>Rio Claro/SP: Avenida 23, entre as ruas 12 e 13 - Bairro do Estádio. (19) 3524-9503</p>
	<p>São Carlos/SP: Rua São Joaquim, 1348 - Centro. (16) 3374-1345</p>
	<p>São João da Boa Vista/SP: Rua Olaia, 102 - Centro. (19) 3623-3704</p>
	<p>São José do Rio Preto/SP: Rua Doutor Raul Silva, 323 - Nova Redentora. (17) 3231-2277 / 3231-0023 / 3231-3708</p>
	<p>São José dos Campos/SP: 1. DELEGACIA: Avenida Anchieta, 133 - Esplanada II. (12) 3921-2372 2. SOS MULHER: Rua Dolzani Ricardo, 713 - Centro. (12) 3923-5258</p>
	<p>São Paulo/SP: 1ª Delegacia de Defesa da Mulher: Rua Doutor Bittencourt Rodrigues, 200 - Centro. (11) 3241-3328 - 24 HORAS 2ª Delegacia de Defesa da Mulher: Avenida Onze de julho, 89 - Sul. (11) 5084-2579 3ª Delegacia de Defesa da Mulher: Avenida Corifeu de Azevedo Marques, 4300 - Oeste. (11) 3768-4664 4ª Delegacia de Defesa da Mulher: Avenida Itaberaba, 731, 1º andar - Norte. (11) 3976-2908 5ª Delegacia de Defesa da Mulher: Rua Doutor Corinto Baldoíno Costa, 400, 2º andar - Leste. (11) 2293-3816 6ª Delegacia de Defesa da Mulher: Rua Sargento Manoel Barbosa da Silva, nº 115, 2º andar - Santo Amaro. (11) 5521-6068 / 5686-8567 7ª Delegacia de Defesa da Mulher: Rua Sábado D'Angelo, 46 - Itaquera. (11) 2071-3488</p>

	<p>8ª Delegacia de Defesa da Mulher: Avenida Osvaldo do Valle Cordeiro, 190, 2º andar - São Mateus. (11) 2742-1701</p> <p>9ª Delegacia de Defesa da Mulher: Avenida Menotti Laudisio, 286 - Pirituba. (11) 3974-8890</p>
	<p>São Vicente/SP: Rua Djalma Dutra, 132 - Centro. (13) 3468-7763</p> <p>Sorocaba/SP: Rua Satyro Vieira Barbosa, 115 - Jardim Faculdade. (15) 3232-1417</p> <p>Tupã/SP: Avenida Tapuias, 811 - Centro. (14) 3491-4834</p> <p>Ubatuba/SP: Rua Maranhão, 190 - Centro. (12) 3832-5260</p> <p>Valinhos/SP: Rua Campos Sales, 325 - Centro. (19) 3869-3786</p>

Ao final da área central da página “*Contato e Ajuda*”, encontra-se uma imagem do rosto de uma mulher que dá margem a representação do sofrimento e dores das vítimas de violência e abuso sexual. A imagem já existia na plataforma de criação do website “*Chega de abuso*” e decidiu-se por deixá-la por trazer impacto às usuárias.

Figura 17 – Descrição da página 8 do website “Chega de abuso” – Contato e ajuda



Área superior: Logomarca e menu

Área central: Central fale conosco, APP úteis, denuncie, telefones e endereços úteis

Rodapé: Hiperlinks dos conteúdos abordados, endereço de e-mail

Fonte: autor, 2020

4.2 Discussão após desenvolvimento do website “*Chega de abuso*”

O desenvolvimento do website “*Chega de abuso*” deu-se com o objetivo de criar uma plataforma online em que mulheres, vítimas de violência e abuso sexual poderiam se sentir acolhidas ao procurarem informações, endereços, telefones para denúncias, além de relatarem suas histórias através de um questionário feito para tal finalidade. A escolha da plataforma online se desenvolveu pensando na não exposição das jovens universitárias, visto que é um tema polêmico, sensível e que pode trazer receios e medos às estudantes.

Cada detalhe do website, referências de filmes, artigos, livros, textos, séries, documentários, endereços e telefones, enfim, todo e qualquer conteúdo que foi hospedado na plataforma, foram pesquisados com muita cautela e riqueza nos detalhes. Os assuntos foram pesquisados na internet, através de indicações sobre o assunto abordado, os vídeos, filmes e séries tiveram sua busca na plataforma *Youtube*, e checagem por parte da pesquisadora, e o artigo foi retirado do periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), também checado, lido e refletido, pelas pesquisadoras.

O website, para uma melhor navegação das usuárias – e usuários que tiverem interesse, foi dividido em abas. Nele as vítimas de violência sexual poderão consultar futuramente, informações específicas sobre o tema, tais como leis, telefones, endereços úteis, APP que possam beneficiar essas mulheres, bem como o acesso ao aplicativo do Ministério Público do Estado de São Paulo, que recebe denúncias de violência sexual.

Para recolher os relatos sobre a violência sexual sofrida ou assistida pelas usuárias, o website dispõe de um questionário para que essas jovens universitárias, professoras, funcionárias, pesquisadoras externas, e outras vítimas possam relatar posteriormente toda a violência.

Quanto ao aproveitamento dos questionários que serão preenchidos para uma futura

pesquisa, bem como a divulgação das histórias na plataforma, as relatoras deverão informar no questionário se concordam ou não com a publicação de suas histórias no website e a utilização em uma próxima pesquisa. Todos os dados dos questionários, incluindo o relato, após preenchidos serão enviados automaticamente para um endereço eletrônico, criado para fins exclusivos do estudo, que será utilizado posteriormente em uma possível continuação da pesquisa, no âmbito do doutorado.

Para a segunda parte da pesquisa, utilizando-se também de uma abordagem quantitativa, pretendemos construir um mapa cartográfico com dados relevantes das vítimas. Com uma ferramenta de análise de tráfego no Google Analytics, da qual será inserida no site após o mesmo estar ativo. Assim dados importantes quanto à violência e abuso sexual serão identificados nos questionários para prevalência: idade média das vítimas, ano da ocorrência, locais frequentes dos abusos (dentro do Campus, moradia estudantil, festa universitária, repúblicas, atlética do Campus, casa, rua, comércio, laboratórios universitários, shows, bares, clubes, cidades, bairros, etc.), o agressor (professor, amigo da turma, aluno do Campus, desconhecido, namorado, companheiro, esposo, companheiro de trabalho, chefe, orientador, etc.), religião, o motivo de não haver a denúncia (se for o caso), como se deu o momento do assédio e a vestimenta – caso seja caracterizada.

Com a abordagem qualitativa e sua análise descritiva da qual permitiu, mesmo que virtualmente, uma vivência mais ampla com casos de violências e abusos sexuais de mulheres, além da percepção dessas vítimas e os fatores associados a violência, trouxemos um website educacional, com foco na violência e abuso sexual contra mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou desenvolver um website, uma plataforma online com um conteúdo educacional que abordasse as questões da violência sexual e abuso sexual, porém, distribuindo os conteúdos de forma sistematizada, organizando as informações de maneira lógica e objetiva, para facilitar a navegação e localização dos assuntos para que, por meio desse website, as vítimas e usuárias da plataforma possam adquirir conhecimento de forma acessível, tecnológica, além de encontrarem um espaço para que possam descarregar suas angústias e sofrimentos, sabendo da confiabilidade do website, sua segurança e sigilo.

De modo geral, o desenvolvimento e finalização do website mostrou-se como um bom instrumento de informações educativas na área de violência sexual, relevante, didático, o qual poderá acrescentar conhecimentos, esclarecer muitas dúvidas e amparar às vítimas de violência sexual nas Universidades Públicas.

Espera-se que a pesquisa tenha continuidade e que os dados que forem obtidos no levantamento e tabulação dos questionários preenchidos possam ser um desfecho para que surjam políticas públicas de prevenção dentro das Universidades, não somente no Estado de São Paulo, e não somente as públicas.

Com os relatos recolhidos futuramente e seu mapeamento, os dados obtidos serão relevantes, trazendo levantamentos em contribuição à luta contra a violência e abuso sexual contra as mulheres. Qual a prevalência dessas violências e abusos sexuais? Qual é o perfil dessas jovens, qual o local mais afetado por essas violências e o perfil do abusador: são professores, funcionários da universidade, chefes, alunos ou desconhecidos, amigos, companheiros, namorados?

O recolhimento e tabulação dos dados servirão para que possamos divulgar aos dirigentes da unidade, reitoria da universidade e órgãos públicos o quão alarmante e prioritários são esses resultados, para que se tomem providências acolhendo essas vítimas, melhorando a

qualidade de vida dessas e outras mulheres, e trazendo uma educação em sexualidade para essas jovens que possam vir a ser violentadas, além de um trabalho por meio de políticas públicas universitárias para melhoria da qualidade das vítimas.

A educação em sexualidade na escola poderá mostrar que a menina, mãe, tia, ou alguma mulher deve denunciar a violência de gênero, cooperando na mudança de muitos meninos e jovens em suas atitudes no contexto social, cultural, e educacional, mudando a história que até os dias atuais tem feito cada vez mais mulheres à mercê de violências sexuais. Assim, a educação sexual pode quebrar o padrão de cultura instalado na sociedade de que violentar uma mulher é algo naturalizado e normal.

Esperamos que após a finalização desse estudo e desenvolvimento do website, e no futuro com resultados obtidos quando as universidades instalarem esse instrumento e tivermos a divulgação dos dados estatísticos, possamos trazer reflexões para homens e mulheres de que a violência de gênero, mais especificamente a violência sexual contra a mulher ainda é alarmante e grave, porém pouco resolvida perante os órgãos públicos e ambientes onde por tais atos ocorrem.

Ansiamos por respostas futuras que demonstrem os riscos dessas jovens universitárias, professoras e funcionárias, pesquisadoras externas, visitantes e outras que vivem diariamente com o medo de frequentar o ambiente universitário a noite ou mesmo de dia sozinha, além do receio do andar na rua e da presença de um homem em festas, bares e eventos, para que no fim os responsáveis possam tomar ações cabíveis que favoreçam, deem respaldo e criem mecanismos para atuar em favor das mulheres e também para que os homens percebam e atuem, tendo o entendimento de que a violência sexual de mulheres afeta toda a sociedade.

Propôs-se um estudo que contribuiu significativamente em ensino e pesquisa, além de desenvolver uma ferramenta útil para um possível trabalho de educação e respeito a mulheres dentro dos campi universitários, além de no futuro, ampliar o trabalho para outras

Universidades do país.

A pesquisa traz e trará benefícios à comunidade acadêmica e possibilitando com seu uso, uma melhor compreensão das causas de violência sexual universitária e a prevalência desses abusos, além de incentivar a criação de políticas públicas na universidade que visem melhorar a qualidade de vida de inúmeras mulheres, podendo resgatar, ajudar, orientar, mediar, acolher e encaminhar jovens que vivem no silêncio, por medo e dores, a saírem desse ostracismo e lutarem para mudanças estruturais na sociedade brasileira, no que tange a violência contra as mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, T. M. C (2017). *Violências contra mulheres nos espaços universitários*. In: Stevens, C.; Oliveira, S.; Zanello, V.; Silva, E. &Portela, C. (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília, DF: Technopolitik.
- Alves, E.S., Oliveira, D.L.L.C., & Maffaccioli, R. (2012). *Repercussões da lei Maria da Penha no enfrentamento da violência doméstica em Porto Alegre*. *Rev Gaúcha Enferm.* 2012;33(3):141-147. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n3/19.pdf>
- Bandeira, L. & Almeida, T. M. C (2011). *O trote universitário: a festa da intolerância e humilhação feminina*. *Atitudes Universitárias*, Brasília, UnB Agência. Disponível em: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=367>.
- Banks, A. & Fraser, T. (2007). *O Guia Completo da Cor*. São Paulo, SP. Editora SENAC São Paulo.
- Brasil (2016). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasil, 140p. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Anuario_Site_27-01-2017-RETIFICADO.pdf
- Brasil (2013). *Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher*. Relatório final. Brasil, 1048p.
- Brasil, Ministério da Saúde (2006). *Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Violência faz mal à saúde*. Brasília: MS. Disponível em: http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06_0315_M.pdf
- Brasil, Planalto (2006). *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. [Página Web]. Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Brasil, Planalto. (2009). *Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009* [Página Web]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm

Brasil (2017). *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. [Página Web]. Brasil. Acesso em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/11o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/

Brasil (2012). *Vigilância de Violências e Acidentes*. Ministério da Saúde. Brasil, 111p.
Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_vigilancia_violencia_acidentes_2012.pdf

Câmara dos Deputados (2018). *Mapa da violência contra a mulher – 2018*. Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher. Brasília/DF. 79p.

Carvalho, A. A. (2006). *Indicadores de Qualidade de Sites Educativos*. Brasília: Ministério da Educação.

Chauí, M. (1986). *Conformismo e resistência, aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Connell, R. W (1987). *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Stanford University Press, 352p.

Convenção Belém do Pará (1994). *Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher*. Belém do Pará/PA.

Falkembach, G. A. M. (2005). *Concepção e desenvolvimento de material educativo digital*. Revista Novas Tecnologias na Educação. V. 3 Nº 1, Maio, p. 1-15. Disponível em: http://www.cinted.ufrgs.br/renoteold/maio2005/artigos/a23_materialeducativo.pdf

Franco, L. (2019). *Violência contra a mulher: novos dados mostram que não 'há lugar seguro no Brasil'* [Página da Web]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503>

Instituto Avon (2015). *Violência contra mulher no ambiente universitário*. Pesquisa Instituto Avon, Data Popular, Brasil. 12p.

- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014). *Sistema de Indicadores de Percepção Social: tolerância social à violência contra mulheres*. Brasil. 40p. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf
- Instituto Patrícia Galvão (2016). *Pesquisa Violência Sexual: percepções e comportamentos sobre violência sexual no Brasil*. Locomotiva Pesquisa e Estratégia, Brasil. 50p. Disponível em: http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Pesquisa_ViolenciaSexual_2016.pdf
- Krug, E. G. et al (2002). *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Geneva, World Health Organization, p. 145-180. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>
- Lagarde, M (1994). *La regulación social del género: El género como filtro de poder*. Antología de la sexualidad humana. Consejo Nacional de Población, México, p. 389-426.
- Lima, M. T. C (2012). *O estupro enquanto crime de gênero e suas implicações na prática jurídica*. Trabalho de Conclusão de Curso. Campina Grande, Paraíba, 32p. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5370/1/PDF%20-%20Marina%20Torres%20Costa%20Lima.pdf>
- Lorde, A. (2007). *Sister outsider: essays and speeches*. Crossing Press.
- Lüdke, M. & André M. E. D. A (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Minayo, M. C. (1993). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Hucitec; Abrasco.
- Porto, M (2017). *O enfrentamento da violência no ambiente universitário: uma experiência na Ufac*. In: STEVENS, C.; OLIVEIRA, S.; ZANELLO, V.; SILVA, E. PORTELA,

- C. (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília, DF: Technopolitik.
- Ramos, D. S. (2008). *A importância da Arquitetura da Informação para websites*. Disponível em: <http://daniellesramos.wordpress.com/2008/06/27/a-importancia-da-arquitetura-da-informacao-para-websites/>>
- Revista Veja (2019). *Datafolha: 27,4% das mulheres sofreram agressões*. [Página da Web]. Revista Veja. Brasil. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/datafolha-274-das-mulheres-relatam-agressoes-metade-nao-denuncia/>
- Ribeiro, A. P. (2015). *O estado da arte em gênero – mulher – em educação do estado de São Paulo*. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136608/000860403.pdf?sequence=1>
- Saffioti, H (1989). *Exploração sexual de crianças*. In: M. A. Azevedo & V. Guerra (Orgs.), *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo, p. 49-95.
- Santos, C. M. (2008). *Da delegacia da mulher à Lei Maria da Penha: lutas feministas e políticas públicas sobre violência contra mulheres no Brasil*. OFICINA DO CES: Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2008. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/11080/1/Da%20Delegacia%20da%20mulher%20C3%A0%20Lei%20Maria%20da%20Penha.pdf>>
- São Paulo (2020). *Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres*. Defensoria Pública do Estado de São Paulo. [Página Web]. São Paulo. Disponível em: <https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp/Default.aspx?idPagina=3454>
- São Paulo, Governo do Estado (2019). *Feminicídio: Repudie. Denuncie*. [Página da Web]. São Paulo. Disponível em: <https://saopaulo.sp.gov.br/feminicidionao/>
- São Paulo, Governo do Estado de (2019). *Institucional. Delegacia de Defesa da Mulher* [Página da Web]. Disponível em:

<http://www.ssp.sp.gov.br/fale/institucional/answers.aspx?t=7>

Sayuri J., Sicuro R. (2019). *Abusos no campus*. [Página da Web]. The Intercept Brasil. Brasil.

Disponível em: <https://theintercept.com/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitimas-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/>

Silva, M.A; Falbo, N.G.H & Cabral, F.J.E (2009). *Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência*. *Psicol. Estud.*; 14(1):121-127.

Sousa, R. F (2017). *Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 25(1): 222, p. 9-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n1/1806-9584-ref-25-01-00009.pdf>

Souza L., Cortez M. B. (2014). *A Delegacia da Mulher perante as normas e leis para o enfrentamento da violência contra a mulher: um estudo de caso*. *Rev. Adm. Pública* — Rio de Janeiro 48(3):621-639, Maio/Jun. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v48n3/05.pdf>

Tonetto, L. M., Brust-Renck, Priscila G. & Stein, L. M. (2014). *Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 180-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a13.pdf>

Vilhena, J. & ZAMORA, M. H. (2004). *Além do ato: os transbordamentos do estupro*. *Revista Rio de Janeiro*, n. 12, p. 115-130.

Vicentini, L.A. & Mileck L.S. (2000). *Desenvolvimento de sites na web em unidades de informação: metodologias, padrões e ferramentas* [Internet]. In: X Seminário de Bibliotecas Universitárias; 2000 Abr 24-28; Florianópolis.

Waiselfisz, J.J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil*. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Brasil. Disponível em: http://mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário a ser aplicado no website “*Chega de abuso*”.

Pseudônimo (Nome Fictício):
Data de Nascimento:
Naturalidade (Cidade/Estado):
Idade quando ocorreu o abuso:
Estudante de: <input type="checkbox"/> Graduação <input type="checkbox"/> Pós-graduação <input type="checkbox"/> Graduada <input type="checkbox"/> Participante de Projeto de Extensão <input type="checkbox"/> Profissional da UNESP <input type="checkbox"/> Pós-graduada <input type="checkbox"/> Docente da UNESP <input type="checkbox"/> Funcionárias <input type="checkbox"/> Outros
Curso: Faculdade/Departamento:
O abuso/assédio já aconteceu ou ainda acontece? <input type="checkbox"/> Já aconteceu <input type="checkbox"/> Ainda acontece
Onde ele aconteceu ou acontece? <input type="checkbox"/> Dentro do Campus <input type="checkbox"/> Repúblicas <input type="checkbox"/> Festas universitárias <input type="checkbox"/> Bares universitários <input type="checkbox"/> Casa de amigos/amigas estudantes <input type="checkbox"/> Aos arredores do Campus (rua, mercado, etc.) <input type="checkbox"/> Moradia estudantil <input type="checkbox"/> Estágio docente <input type="checkbox"/> Viagens de campo/universitária <input type="checkbox"/> Relacionamento Outros:

Houve denúncia? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Quem denunciou? _____
Quais foram os encaminhamentos? _____
Você passou por processo terapêutico? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Relato: se você desejar, deixe um relato sobre a ocorrência. _____ _____ _____
Você autoriza a publicação do relato acima no site, de forma anônima? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
E-mail: